

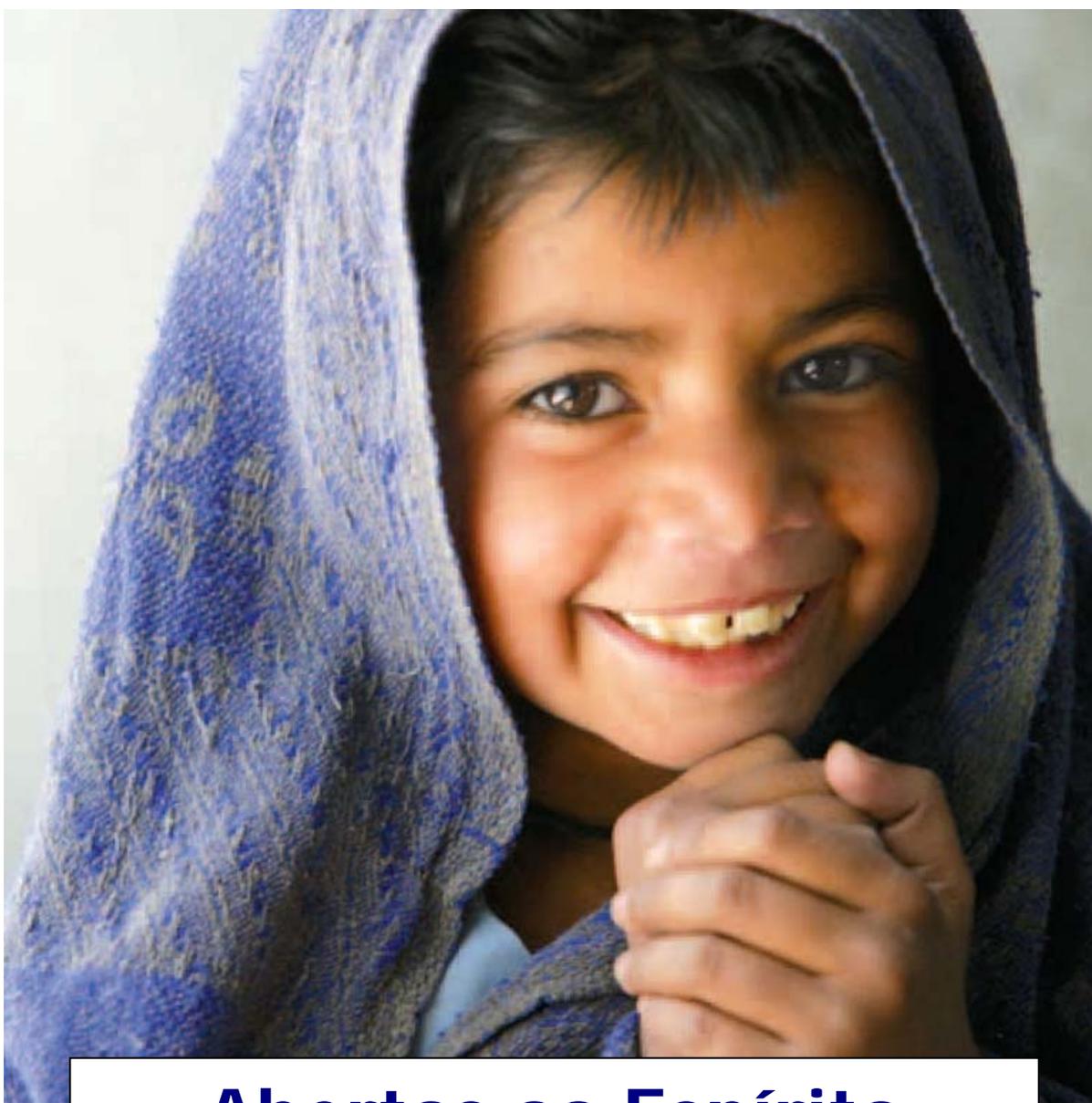
2009

n. 05- 06/ maio-junho

dma

da mihi animas

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA



Abertas ao Espírito

dma

da mihi animas

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora

Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma RM

tel. 06/87.274.1

fax 06/87.13.23.06

e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi

Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana – Julia Arciniegas – Mara Borsi – Piera Cavaglià – Maria Antonia Chinello – Emilia Di Massimo – Dora Eyllenstein – Laura Gaeta – Bruna Grassini – Maria Pia Giudici – Palma Lionetti - Anna Mariani – Cristina Merli – Maria Helena Moreira – Concepción Muñoz – Adriana Nepi – Maria Luisa Nicastro – Louise Passero – Maria Perentaler – Loli Ruiz Perez – Rossella Raspanti – Lucia M. Roces – Maria Rossi.

Tradutoras

francês – Anne Marie Baud

japonês - inspetoria japonesa

inglês - Louise Passero

polonês - Janina Stankiewicz

português – Maria Aparecida Nunes

espanhol - Amparo Contreras Alvarez

alemão - inspetorias austriaca e alemã

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Istituto Internazionale Maria Ausiliatrice - 00139 Roma – Via Ateneo Salesiano, 81 – c.c.p. 47272000 – Reg. Trib. Di Roma n. 13125 del 16-1-1970 – sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c, legge 662/96 – Filiale di Roma – n. 3/4 marzo-aprile 2008 – Tip. Istituto Salesiano Pio XI – Via Umbertide, 11 – 00181 Roma.

Tradução do original Italiano para a Língua Portuguesa

n. 05-06_ maio-junho_2009

Sumário

EDITORIAL	Desafios e oportunidades	4
DOSSIÊ	<i>Cenáculo aberto ao vento do Espírito</i>	5
 <i>Primeiro plano: Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos</i>		
AS MULHERES NA PALAVRA	<i>A escola do amor</i>	10
VIDA CONSAGRADA E...	<i>Mudanças culturais</i>	11
ECUMENISMO	<i>O dom da unidade</i>	13
FILO DE ARIADNE	<i>A linguagem da corporeidade</i>	14
 <i>Busca: Leitura evangélica dos fatos contemporâneos</i>		
COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO	<i>Pequenos recursos pela vida</i>	17
PASTORAL-MENTE	<i>Jovens: no tempo e no espaço</i>	18
POLIS	<i>Mulheres de preto</i>	20
 <i>Comunicação: Informações, notícias, novidades do mundo da mídia</i>		
JOVENS.COM	<i>A que tribo pertences?</i>	22
ESTANTE SITES	<i>Resenha sites Web</i>	24
VÍDEO	<i>Pode-se fazer</i>	24
ESTANTE	<i>Resenha vídeos e livros</i>	26
LIVRO	<i>O tempo do exílio</i>	28
CAMILLA	<i>O tempo em que estamos</i>	30

Desafios e oportunidades

Giuseppina Teruggi

Uma grande experiência de encontro, assim foi definido por Madre Yvonne o último Capítulo geral. Um encontro com pessoas testemunhas do amor e certamente um encontro profundo com Maria, “a primeira discípula, aquela que nos acompanha na caminhada para realizar encontros verdadeiros, capazes de provocar percursos reais de conversão”. A mulher aberta à novidade do Espírito, o qual chegou *de repente* para surpreender e transformar a vida de um grupo de discípulos amedrontados e inseguros, reunidos no cenáculo. Para enviá-los em missão audaz até os confins planetários.

O encontro com Maria leva-nos a olhar o cenário do mundo de hoje com os seus olhos de mulher e de mãe; a tomar consciência dos graves problemas da humanidade; a não nos afastar dos desafios que afligem as pessoas. Desafios com muitos nomes, por vezes inéditos e imprevisíveis, que muitas vezes têm origens comuns: uma antropologia individualista e consumista que tende a sufocar os mais fracos; o mundo complexo das novas tecnologias, onipresentes com milhares de possibilidades; a discriminação ligada à pertença étnica, à condição social, à fé; o desequilíbrio provocado na natureza; a comercialização do corpo, sobretudo das mulheres e das crianças.

Hoje, com força especial, somos desafiados pela crise econômica mundial, ligada à falta de ética no mercado financeiro e a uma visão neoliberal. Uma emergência que afeta não apenas bancos ou grandes empresas, mas sobretudo a vida das pessoas, que sofrem as consequências. Toca-nos a todos e nos estimula a assumir responsabilidades pessoais e sociais mais enérgicas.

«Não pretendamos que a realidade mude se sempre fazemos as mesmas coisas. A crise é a maior bênção para as pessoas e os países, porque promove o progresso. A criatividade nasce do exíguo, assim como a luz nasce da escuridão da noite. É a partir da crise que nascem a inventividade, as descobertas e as grandes estratégias... O verdadeiro problema de pessoas e países é a preguiça que impede de descobrir caminhos e formas de solução. Sem crise não há desafios, sem desafios a vida é rotineira, é uma lenta agonia... Começemos a trabalhar mais arduamente. Terminemos uma vez por todas com a única crise que nos ameaça: a tragédia de não saber lutar para superá-la». Palavras de grande atualidade, escritas na primeira metade do século XX por Albert Einstein.

No período da grande recessão dos anos 30, Madre Luisa Vaschetti sublinhava as oportunidades da transição crítica em andamento. Na circular de 24 de outubro de 1931 escrevia: “Ânimo, Irmãs, confiemos no Senhor. A crise atual seja para nós como uma missão, à custa de vencer nosso egoísmo”. E sugeria modos concretos para orientar escolhas de responsabilidade, solidariedade, esperança. Talvez também hoje, revendo os nossos costumes, possamos renovar criatividade, audácia, essencialidade e contribuir para humanizar a vida e o ambiente.

gteruggi@cgfma.org

Cenáculo aberto ao vento do Espírito

Emilia Di Massimo e Giuseppina Teruggi

Após os últimos acontecimentos de Jerusalém, enquanto os discípulos estão fechados no andar superior da casa, o Espírito irrompe sobre eles. Está também Maria, a mãe de Jesus, e algumas pessoas amigas. Todos reunidos no mesmo lugar, testemunha Lucas nos *Atos dos Apóstolos*, e prossegue: “De repente, veio do céu um ruído como de um vento forte, que encheu toda a casa” (Atos 2,2). Desde então o curso da história não foi mais o mesmo.

Abertos à novidade do Espírito - Havia uma menina em uma aldeia desconhecida e insignificante. Como tantas outras, morava em uma casa parcialmente escavada na rocha, conforme o costume do povo da Palestina daquele tempo. Vivia com os pais e se preparava para a vida que, para ela como para toda jovem, previa percursos precisos: o matrimônio com um homem de sua classe social, a maternidade, a vida de fidelidade dentro de casa, obtendo para o marido e para a família o necessário a uma vida habitada por Deus e feliz, também no cotidiano.

Mas eis que, *de repente*, ela se encontra envolvida por um evento extraordinário que muda a sua vida. E muda também o curso da história. Maria de Nazaré vive a experiência do encontro com o mistério quando Deus entra de repente em sua vida: do anúncio de uma maternidade não prevista, à esperança de eventos incompreensíveis, à partida do Filho para uma missão especial e difícil de ser entendida, até a morte na cruz deste Filho, livremente acolhido e doado. Posteriormente, a irrupção *repentina* do Espírito no andar superior de uma casa em Jerusalém, enquanto está com os amigos de Jesus.

O vento do Espírito levou os discípulos a escancarar as portas e Maria foi a primeira a colocar-se em viagem e fazer a experiência do êxodo. “A primeira evangelizada tornou-se a primeira evangelizadora”. O Espírito fez de Maria a testemunha capaz de entrar com coragem e audácia no cotidiano, com a certeza de que Deus constrói e sustenta os seus projetos de amor.

O Espírito desde sempre realizou transformações em sua vida: ela é “o espaço humano, pequeno mas dócil, no qual Deus faz grandes coisas”, sublinham os Atos do CG XXII (n. 20).

A presença de Maria no cenáculo é partilha das preocupações e esperanças do grupo dos discípulos, auxílio para enfrentar o cotidiano com coragem. Assim como acontece hoje, em nossa história, feita de esperanças e medos, de incertezas e de sonhos. São ainda os Atos do Capítulo a revelar que “Maria ensina a não fugir dos desafios, mas a acolhê-los como uma possibilidade para renovar a paixão educativa e missionária, fazendo voltar às nossas comunidades os tempos dos *corações abertos*, da partilha profunda entre nós e as/os jovens, recriando com eles ambientes familiares, ricos de valores humanos e cristãos” (Atos n. 23).

Mulher plasmada pelo Espírito, Maria é nossa mestra e guia no ato de acompanhar - escolha a nós confiada pelo Capítulo. Mãe e discipula de Jesus, “acompanha-o com dedicação absoluta ao longo de toda a sua vida” e enquanto auxiliadora, “acompanha a Igreja no seu nascimento, no seu crescimento, na sua difusão pelo mundo e continua a estar presente, sobretudo nas curvas perigosas da sua história”.

A coragem de acolher... “de repente...” - O dia de Pentecostes foi decisivo para os discípulos devido aos fatos acontecidos tanto dentro do cenáculo como fora: “De repente veio do céu um ruído...” Uma espécie de terremoto que se ouviu em toda Jerusalém, de tal modo que atraiu uma multidão de gente diante daquela porta para ver o que estava ocorrendo. Subitamente pareceu não se tratar de um terremoto normal. Houve um forte abalo, mas nada desmoronou. De fora não eram vistos os “desmoronamentos” que estavam ocorrendo dentro, onde os discípulos experimentaram um verdadeiro e real terremoto que, embora essencialmente interior, envolveu de modo visível a todos e

o mesmo ambiente. Desde os apóstolos aos discípulos, às mulheres, foi uma experiência que os transformou profundamente e teve reflexos também fora. O Espírito do Senhor começou a vencer limites que pareciam invencíveis: inaugurou um tempo novo, o tempo da comunhão e da fraternidade, o tempo do infinito, quando a sua grandeza, embora nos superando, não esmaga, mas faz surgir no coração o fascínio das estrelas.

Os Atos dos Apóstolos realçam que o Espírito “vem de repente”: é um detalhe que merece atenção porque a ele faz eco uma parte da nossa história pessoal a ser lembrada. Cada um de nós conserva no escrínio do coração recordações que são como marcos profundos uma vez que abalaram a existência, pediram êxodo e muitas vezes impuseram a renúncia aos próprios projetos para abrir-se ao desconhecido, ao mistério.

O crente acolhe cada abalo existencial na certeza de que Aquele que guia a história tece um bordado estupendo do qual só vemos o avesso. Mas isto não é automático. Como reconhecer que o que chega “de repente” é irrupção do Espírito e não o resultado do acaso ou de conjecturas humanas?

Um ruído vindo do céu: apologia do silêncio - É bom imaginar os apóstolos, reunidos no cenáculo com Maria, em uma atmosfera de silêncio. Um silêncio adorador, habitado, cheio de Deus, que permitiu acolher a vinda do Espírito e afugentou toda hesitação e todo medo. Silêncio que permitiu compreender o Amor e as suas exigências expressas em algo semelhante a um ruído que parece impor-se em defesa da solidão fecunda e interior.

Temos saudades do silêncio profundo, do “oásis verde” onde se faz uma pausa ao longo do dia; estamos cientes de que o mundo, cada dia mais, irrompe na existência com o seu “rumor” mas também com o seu murmúrio persuasivo, tentando sufocar a Palavra. Ocorre buscar novamente o silêncio em Deus, somente por Ele; assim, o seu Espírito virá sobre nós, como um dia no cenáculo, encontrará morada e, com aquele silêncio grávido e fecundo, renovará todas as coisas.

Ouçamos um testemunho encorajador a respeito disso que convida a “beber a água das nossas fontes”. É conhecida mundialmente a célebre escultura de Teresa d’Ávila, de Bernini, denominada *O êxtase de Santa Teresa*. Será que é apenas uma escultura em mármore e bronze?

Na iconografia, o êxtase da Santa foi inspirado por uma célebre passagem dos seus escritos, em que ela mesma descreve uma de suas numerosas experiências de êxtase: «Um dia apareceu-me um anjo de rara beleza. Vi em sua mão uma longa lança em cuja extremidade pareceu-me ver um pouco de fogo. E parecia que o enfiava algumas vezes em meu coração, a ponto de penetrar as minhas entranhas. A dor era tão real que me fazia soltar gemidos, mas tão grande a suavidade que não podia desejar que me deixasse. Nenhuma alegria terrena pode conferir semelhante gozo. Quando o anjo puxou sua lança, permaneci com um grande amor por Deus». (*Santa Teresa d’Ávila, Autobiografia, XXIX, 13*).

Lemos esta passagem e esboçamos um sorriso: dons excepcionais e raros, “um vento repentino”, experiência concedida a poucos. Mas relacionemos o êxtase com algumas notas biográficas referentes a Teresa, descritas por quem a conheceu, e pelos seus próprios escritos de mulher inteligente, arguta, dotada de espírito de observação, eclética, versátil, rebelde, ambiciosa, prepotente, autoritária, altiva, indecisa e teimosa, curiosa, perenemente insatisfeita, cegamente apegada às próprias idéias, formalista, dotada do senso de justiça, vivaz. Hipocondríaca e masoquista, em perene busca de felicidade. “Eis Teresa d’Ávila: uma grande mulher que antes, nunca teria aceitado caminhar um passo atrás de um homem mortal e depois, uma grande santa”. Todo comentário a respeito faria perder o fascínio pela santa à qual Dom Bosco quis confiar o Instituto. O ícone apresentado é contemplado no coração orante e na história cotidiana de cada um: lá onde Deus irrompe, entrega-se às nossas pobreza e nos transforma com êxtases interiores que se manifestam também nos acontecimentos ordinários do hoje, naqueles que parecem previstos e insignificantes. É o ‘ruído’ do Espírito!

Árvore solidamente fixada pelas raízes - O ‘ruído’ do Espírito nem sempre chega como um furacão que agita energias adormecidas; frequentemente é sopro, brisa primaveril que faz a vida florescer e abre ao amor. Nós o reconheceremos como poder quando o seu toque leve estiver cotidianamente em nosso olhar e nos levar para horizontes mais distantes e vastos. Quando, desde o amanhecer lhe consentirmos afagar o nosso dia inteiro num ímpeto alegre e generoso. Assim, o

Espírito permanecerá em nossa vida para renová-la e dar-lhe dimensões mais profundas e nos permitirá compreender o verdadeiro significado das nossas inevitáveis crises que se tornam “oportunidades”, “árvore que emerge do solo solidamente fixada pelas raízes”.

Muitas vezes, nossas raízes se aprofundam com algumas interrogações recorrentes: “O que me confere, afinal, a vontade de viver? Por que vale a pena viver? Quem sou eu? Alguém me ama a ponto de assegurar-me que esta vontade de viver não será violada diante de nada, nem mesmo diante da morte?”. Perguntas como estas para toda a modernidade até a metade do século passado, eram relegadas à literatura ou claramente removidas pelos saberes filosóficos como não-problemas (Augusto Comte).

Nas últimas décadas, depois da ruína das ideologias, tais questionamentos explodiram na vida pessoal e social com uma força inédita, desencadeando uma busca intensa de felicidade e despertando energias de liberdade inexploradas e inimagináveis. São perguntas que estão presentes também em nosso coração e em nossas comunidades. Na pós-modernidade, a pessoa não pretende de forma alguma renunciar ao desejo de felicidade em toda a sua amplitude e ao emprego de toda a liberdade para realizá-lo. Mas não é Jesus que estimula o nosso desejo de infinito? O anúncio da boa-nova e o sonho da humanidade de hoje coincidem, mas vivem interiormente uma luta inédita. Violentas e dolorosas são as contrações e as dores do parto, porém permanecem perpassadas pela alegre perspectiva do parto.

Tudo isto coloca cada um de nós, sobretudo como educadoras e educadores, diante de enormes responsabilidades. A primeira é a da Palavra. A Palavra escutada, procurada, desejada, meditada e vivida, a Palavra que, assim como Maria, o discípulo guarda no coração e transforma em vida. A exegese orante torna-se prática divina e humana, evento decisivo que permite à força do Espírito irromper, tornar-se novamente carne e manifestar, como canta o Magnificat, as *grandes coisas* que o Onipotente sabe fazer através da pequenez e da humildade dos seus “pobres”.

Somente quem é pobre sabe amar - O vento do Espírito penetra com poder onde encontra espaço, onde não há obstáculo, quando o coração está livre. E quando a pessoa está consciente de ser pobre. Ancorada na lógica de Deus, a pobreza do coração transforma-se em valor e o pobre se torna testemunha da validade e da capacidade transformadora do evangelho. Nesta ótica a pobreza torna-se um *sím*, e o pobre define-se pelo verbo *ser* e não pelo verbo *ter*, porque é sem dúvida “aquele que espera, aceita, reza”, aquele que sabe amar. Será com tal atitude que nos colocaremos hoje diante da crise econômica mundial?

O momento histórico que vivemos é um dos mais delicados e problemáticos, em todo o planeta. É o que dizem continuamente os jornais, as notícias das redes televisivas e a Internet. É o que experimentamos em nossas comunidades. Mas não são poucos os que interpretam este tempo de grande precariedade como um tempo de novas oportunidades também para a vida religiosa. Tempo de transformação, se formos abertas à passagem do Espírito.

Durante o capítulo falou-se disso muitas vezes e as capitulares tiveram até um encontro com o economista Antonio Ceñas. Os desafios apresentados foram muitos e o diálogo que se seguiu, interessante. Trechos de algumas expressões: “Na melhor teologia da Igreja afirma-se que Deus precisa de nós. E em muitas orações modernas reza-se: ‘Senhor, eu quero ser a tua mão, o teu rosto, a tua inteligência para colocá-la a serviço dos necessitados. Eu quero ser a tua criatividade, um reflexo da multiforme graça do Espírito que tem muitos dons, para aceitá-los e sobretudo para atuar o grande desafio de construir a Igreja juntos dando cada um o melhor de si’. Uma Congregação é um grupo grande formado por pessoas chamadas uma por uma de modo personalíssimo por Jesus, ao seu seguimento. Confiando em Jesus que chama e dá os dons necessários, eu acredito que o grande esforço é colocar tudo a serviço de Sua causa. E dizer: ‘Eu confio naquilo que me tens dado, acredito na confiança que depositas em mim... Vamos ver o que faço para colocar este capital que me tens dado de modo que seja dom, multiplique-se e seja colocado a serviço dos outros’... Portanto, com este panorama à frente, eu creio que uma comunidade de fiéis consagrados ou leigos que lidam com

dinheiro devem fazer um sério exame de consciência em face ao mesmo dinheiro. Assumir a administração com estes sentimentos poderia converter-se até mesmo numa alternativa à administração louca e despropositada como é a que se instalou no mundo. A partir da Igreja poder-se-ia oferecer uma alternativa diferente ao uso do dinheiro. E isto suporia, da parte da Igreja e também da vida religiosa, muita criatividade”.

Os discípulos saíram do cenáculo para anunciar Jesus ao mundo, pobres de coração, fortes pela Palavra e pela presença do Espírito. Com esta paixão ardente transformaram a história.



Partilha comunitária da Palavra de Deus:

“O Espírito do Senhor virá também sobre ti, profetizarás junto com eles e serás transformado em um outro homem. Quando te acontecerem todos estes sinais, faze o que o teu coração manda, porque Deus está contigo” (1 Sam 10, 6-7).

Proponho para *reflexão pessoal* e diálogo comunitário, esta passagem que delinea bem o caminho pós-capitular,

- *O Espírito virá sobre ti...* Frequentemente o Espírito, mais que pomba, é águia que arrebatava e leva consigo para as alturas. Ruído de turbinas... Vento que enche a casa... Fogo... O Espírito nos impede de calar!
- *Tu serás profeta.* Profeta é aquele que vive da Palavra, pela qual fala e age como um enviado por Deus e não se ocupa senão em anunciar a sua mensagem, o seu projeto.
- *Serás transformado em um outro homem.* O Espírito cria continuamente, renova todas as coisas, sobretudo o coração que se abre a Ele. A sua força faz que não sejas mais tu que vives, mas Cristo que vive em ti.
- *Deus estará contigo.* Estar *com* é eliminar o sentimento de estranheza de Deus, é sentir-se vitalmente enxertados nele. Deus não se limita a fazer apenas alguma coisa por ti, antes, ele age *com* e *em* ti.
- *Faze o que o teu coração manda.* Deus não é o que dá ordens para serem executadas, mas o que chama à liberdade. Em primeiro lugar a liberdade de amar sem medida: ama e faze o que queres!

(Cf Ermes Ronchi, *As casas de Maria*, Ed Paulinas, 2006)

Entrevista com Ir. Vilma Tallone Conselheira Geral para a Administração

Este tempo de crise econômica em nível mundial, como “toca” a vida religiosa?

Se a vida consagrada é verdadeiramente vivida como paixão “por Cristo e pela humanidade”, as provas que tocam os homens e as mulheres do nosso tempo tornam-se as nossas “provas”. Uma crise, portanto, não vivida de fora para dentro como reflexo, mas em primeira pessoa, antes de tudo na pele daqueles que amamos: famílias, jovens, ex-alunas, amigos que nos confidenciam sua precariedade no cotidiano. E, em solidariedade com o mundo dos pobres, os prediletos, que desde sempre estão acostumados a aguentar e suportam neste momento um peso maior, devido à redução dos auxílios, pela crise das estruturas.

Qual a relação entre pobreza e missão educativa?

Como FMA, os destinatários privilegiados da nossa missão educativa são os jovens com maior dificuldade para o sucesso: precariedade econômica, fragilidade familiar, pobreza cultural. A missão carismática, portanto, estrutura a relação educação-pobreza e a torna inalienável.

Como repensar no hoje a nossa escolha de pobreza pelo Reino?

O modo de viver a pobreza está certamente ligado ao contexto espacial e temporal. Alguns elementos podem caracterizar a profecia da pobreza na atualidade: partir dos “últimos” quanto aos critérios de referência para as escolhas, seja em nível ideológico que concreto. E, por conseguinte, a humildade, a simplicidade, a essencialidade da vida na coerência evangélica. Mas também a luta com e pelos pobres e em favor das categorias mais frágeis: as crianças, as mulheres, os incapacitados, os imigrantes, para que tenham os seus direitos reconhecidos. Sustentar os pobres, mesmo com ajudas modestas, para que construam o próprio futuro.

Na vida comunitária, o que você acredita ser prioritário relativamente à pobreza?

A comunidade é chamada mais que nunca a escolhas corajosas e concretas de austeridade, com a convicção de que o supérfluo não nos pertence. A fronteira entre o supérfluo e o necessário é muito frágil e pessoal: só uma avaliação comunitária freqüente da pobreza pode ajudar a identificar melhor os limites desta fronteira. Viver na esperança de que o “pequeno” – fragilidade financeira, escassez de meios – se assumido com coragem e fé, carrega em si a força de transformação da semente, do fermento. Gestão rigorosa dos recursos, sem hesitar na busca de caminhos novos, também em nível econômico, para poder ser fiéis à missão de educar, anunciando Jesus aos jovens mais pobres.

AS MULHERES NA PALAVRA

A escola do amor - *Elena Bosetti*

A história de uma mulher que perfuma Jesus é notória nos quatro Evangelhos, mesmo se cada um a relata de maneira diferente: Mateus (26, 6-13) e Marcos (14, 3-9) falam de uma mulher anônima, que na iminência da paixão derrama um frasco de perfume sobre a cabeça do Mestre, enquanto Lucas (7, 36-50) fala de uma pecadora que no contexto do ministério de Jesus na Galileia, e mais precisamente durante o jantar na casa de um certo Simão, o fariseu, derrama o seu perfume sobre os pés do Mestre. Por sua parte, João (12, 1-11) parece entrelaçar os vários elementos: concorda com os dois primeiros evangelistas ao ambientar a cena em Betânia, mas sai do anonimato: aquela mulher é Maria, a irmã de Marta e de Lázaro.

Aos pés do Mestre - Detenho-me brevemente primeiro sobre o relato de Lucas e em seguida sobre a redação de João.

A cena da mulher pecadora que realiza o seu rito de amor aos pés de Jesus, despreocupada com os convidados, com seus olhares sinistros e seus juízos pérfidos, está entre as páginas mais tocantes do Evangelho.

É claro que esta história não deixa de ter aspectos estranhos: como podia uma pecadora pública (prostituta) chegar até Jesus, hóspede de um fariseu?

Lucas descreve a cena do encontro com rápidas pinceladas, deixando falar a linguagem do corpo. A mulher não pronuncia nem mesmo uma palavra, mas não podia usar linguagem mais eloqüente e embaraçosa. Fala com sua pessoa inteira, alma e corpo. Agachada aos pés do Mestre, primeiro debulha-se em lágrimas. Aquelas lágrimas não fazem parte de sua profissão, são pelo contrário a confissão de sua verdade, de sua íntima miséria, de sua necessidade de salvação. Jesus as acolhe inteiramente. Ela então enxuga aqueles pés com seus longos cabelos; seguem-se beijos, carícias e muito perfume. Jesus cala-se, observa-a e a deixa fazer. A cena é bastante embaraçosa. Na sala do jantar fez-se um silêncio pesado. Simão não ousa dizer abertamente o que pensa; não é a atitude da mulher que o escandaliza, mas sim a do Mestre: *«Se ele fosse um profeta saberia quem e que raça de mulher é aquela que o toca»*.

«Simão, tenho algo para te dizer» - Finalmente Jesus quebra o gelo. Dirige-se a ele chamando-o afetuosamente pelo nome: conta-lhe a história dos dois devedores, um deles com uma quantia de dar vertigem (quinhentas moedas de prata), o outro, com uma soma irrisória (cinquenta moedas). Não tendo com que pagar, ambos recebem o perdão do credor. Pergunta intrigante: *«Qual deles o amará mais?»*. *«Suponho que seja aquele ao qual perdoou mais»*, responde Simão sem perceber que atirava no próprio pé, porquanto Jesus conclui, evidenciando o gritante contraste entre o que ele não fez e o que ao invés ela fez: *«Você nunca me ofereceu água para lavar os pés; ela, no entanto, lavou-me os pés com suas lágrimas e os enxugou com os seus cabelos. Você nunca me deu um beijo, no entanto ela, desde que entrou não parou de beijar os meus pés. Você nunca ungiu a minha cabeça com óleo perfumado, ao passo que ela ungiu os meus pés com perfume»* (Lc 7, 44-46).

Uma prostituta contra um fariseu! A linguagem do cálculo, do risco avaliado, contra a linguagem clara do amor. Mas é isto que toca o coração de Cristo e faz surgir o perdão.

E a casa encheu-se de perfume - No quarto Evangelho Maria de Betânia é símbolo eminente de mulher *agápica*. A unção acontece seis dias antes da Páscoa, no contexto do banquete: Maria servia e Lázaro estava entre os convidados. *«Então Maria, tomando meio litro de perfume de nardo puro e muito caro, ungiu os pés de Jesus e os enxugou com os seus cabelos. A casa inteira encheu-se com o aroma do perfume»* (Jo 12, 3). Imediatamente Judas reclama pelo desperdício: *«Por que este perfume não foi vendido por trezentas moedas para ajudar os pobres?»* (Jo 12, 5). Judas é a antítese

de Maria: se ela é figura *agápica*, ele é exatamente o contrário, incapaz de compreender o Cristo pobre que ele «venderá» por dez vezes menos, trinta moedas. Mas eis que Jesus intervém em defesa de Maria: «*deixe-a fazer... os pobres vocês sempre terão, mas a mim vocês nem sempre vão ter*» (Jo 12, 7-8).

Jesus aprecia o desperdício de todo aquele perfume e, compreende-se o motivo: revela a medida do amor. Quem ama não poupa, dá tudo. Como não perceber a ligação com o gesto de Jesus na última ceia?

«*Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim*» (Jo 13, 1). O Mestre aos pés dos seus discípulos, um banho de amor, uma lição que deve durar: «*assim deveis fazer também vós*» (Jo 13, 15).

VIDA CONSAGRADA E...

Mudanças culturais – Martha Seide

A época em que vivemos, assinalada por grandes progressos e mudanças políticas, socioeconômicas, religiosas e culturais, apresenta numerosos desafios estimulantes e igualmente nefastos ao desenvolvimento da pessoa. Fala-se muitas vezes da sociedade contemporânea como de uma realidade em crise. Trata-se não apenas da crise econômica em dimensão mundial, mas da crise dos valores, que sobretudo nas sociedades ricas e desenvolvidas, assume formas de subjetivismo difuso, de relativismo moral e niilismo, frequentemente reforçadas pelos meios de comunicação social. Assiste-se às celebrações dos humanismos e das antropologias: o homem com qualidade de vida está no centro das discussões e dos projetos. Contudo, paradoxalmente, uma das maiores fraquezas da atual crise consiste na inadequada visão que se tem do homem, da sua identidade, do seu destino.

Esta situação não deixa indiferente a Vida Consagrada na Igreja e na sociedade. Como enfrentar estes desafios? Que confronto é possível? Como situar-se hoje na cultura emergente? Comentando esta realidade, Bruno Secondin afirma: «Os religiosos desde sempre aprenderam a viver muito nas *raízes*: é um grande bem. Mas a situação hodierna exige deles saber viver também nas *antenas*, em meio ao jogo dos fluxos abertos das novas comunicações, para que saibam situar-se na nova *polis*, atravessar as transformações atuais como protagonistas solidários, para encontrar juntos os caminhos da esperança e da comunhão, a linguagem da profecia e a solidariedade corajosa». Quais são as implicações destes dois aspectos?

Viver nas raízes é precisamente um convite a retornar ao essencial, ao primeiro amor, ao primado de Deus, à inspiração originária dos fundadores e fundadoras. Trata-se de *recomeçar a partir de Cristo na esperança*. Dizem que a VC neste terceiro milênio da era cristã será mística ou desaparecerá. Penso que esta é a contribuição mais significativa que a cultura atual espera das pessoas consagradas: uma vida claramente orientada para Cristo, ao serviço do Reino que se torna – segundo o documento “*Vida Consagrada*” – uma *terapia espiritual* para os males do nosso tempo. Representa, portanto, uma bênção, um estilo alternativo de vida e um motivo de esperança para a existência humana e para a própria vida eclesial (VC 87).

Diante da fragmentação dos grandes relatos, as pessoas consagradas são chamadas a proclamar com a vida a perenidade da Boa Nova do Evangelho. Imersas na cultura de morte que parece dominar, devem testemunhar prioritariamente a escolha para a vida humana, em particular nos momentos cruciais do seu início e do seu final; para a harmonia da criação, a existência dos povos e a paz.

A imagem das *antenas* ligadas evoca o cultivo da interioridade e da atenção para colher as *sementes do Verbo* presentes na realidade. Trata-se de uma tarefa comprometedor e delicada. Enzo Bianchi, monge italiano e atual prior da comunidade de Bose, escreve: « À vida religiosa de hoje ocorre um espírito que não se apoie na repetição e na monotonia, mas que instigue a aventurar-se com confiança na direção das novas metas que os sinais dos tempos nos indicam, que incite a atacar

os problemas fundamentais. Estes problemas fundamentais são principalmente – e em primeiro lugar – de ordem espiritual, cultural, são ascéticos e não econômicos e nem mesmo institucionais. Os novos caminhos apontados pelos sinais dos tempos estimulam a aceitar as novas realidades, a compreendê-las, a mobilizar-se, portanto, sobre as linhas emergentes. O novo ambiente cultural e pastoral torna-se forçosamente o lugar missionário que os eventuais lamentos do passado não modificam com certeza. Ou melhor, é o agulhão que puxa para fora as qualidades que se têm, a esperança em primeiro lugar e o dinamismo que o Espírito não cessa de nos enviar. Trata-se de ler os sinais dos tempos, ser consagrados conscientes das virtualidades do próprio carisma e saber acolher estes dons do Espírito, para ser realmente habitantes do nosso tempo e construtores dos tempos futuros».

Além do mais, *ser pessoas antenadas* pressupõe para a VC, a capacidade de dialogar com a cultura de modo a contribuir na elaboração de um novo humanismo, em que a mesma pessoa seja protagonista.

Como afirma o documento *“Pessoas consagradas e a sua missão na Igreja”*, ocorre ser capaz de manifestar *o valor também antropológico* da consagração através dos conselhos evangélicos, que transfiguram valores e desejos autenticamente humanos, mas que, também, tornam o humano relativo «apontando para Deus como o bem absoluto» (cf n. 12). Para realizar tal diálogo de modo fecundo, as pessoas consagradas têm necessidade de um amor sempre novo ao empenho cultural e dedicação ao estudo como meio para a formação integral e como percurso ascético extraordinariamente atual, diante da diversidade das culturas. Para assegurar uma travessia feliz deve-se ter a coragem de habitar o nosso mundo como *profetas e peregrinos da verdade*.

mseide@yahoo.com

Salmo da “travessia”

*Te bendigo, ó Pai, pela sede que provocas em nós,
Pelos planos audazes que nos inspiras,
Pela chama que és Tu mesmo
e crepita em nós...*

*Que importa se a sede
fica só em parte saciada?*

Ai dos saciados! (D. HELDER)

*Te bendigo, Jesus, pelo desejo que despertas em nós
de fazer a travessia da Vida Consagrada.*

Te agradecemos pelos Sinais que já experimentamos:

*A mística, a fraternidade/sororidade,
a missão profética, a consciência planetária,
a diversidade dos estados de vida, e outros ainda.*

Com alegria colocamo-nos diante de ti,

Renovando a nossa consagração:

Eis-me, estou aqui, Senhor,

Para fazer a tua vontade e viver no teu amor!

Espírito Santo, revela-nos os caminhos de Jesus

Para o nosso tempo.

Consola-nos nos momentos de sofrimento.

*Dá-nos os sete dons, em particular os da sabedoria, da fortaleza,
para poder fazer a travessia.*

Santíssima Trindade, Deus-comunidade,

Te louvamos e te bendizemos

Como filhas e filhos, servos,

Peregrinos de um caminho sempre novo. Amém

(Extraído do relatório de Ir. Maria José Mendes dos Santos sobre o plano global 2006-2009 da CLAR por ocasião do Conselho das delegadas da UISG em Bangalore (Índia), em 7-13 de dezembro de 2008)

ECUMENISMO

O dom da unidade – *Bruna Grassini*

“Este Sagrado Concílio deseja vivamente que as iniciativas dos filhos da Igreja Católica procedam conjuntas com as dos irmãos separados, sem nenhum obstáculo aos caminhos da Providência. É necessário que os católicos, com alegria, apreciem os verdadeiros valores cristãos que se encontram entre os irmãos separados de nós. Reconheçam as riquezas de Cristo e as obras virtuosas de “outros” que dão testemunho de Cristo, algumas vezes até a efusão do sangue”. (*“Unitatis Redintegratio”, 1,4*)

Pode um corpo ser dividido? Pode a Igreja, Corpo de Cristo, estar dividida? É o grito de súplica que saiu do coração do Papa Bento XVI, na Basílica de São Paulo fora dos Muros, por ocasião da solene celebração de abertura do Ano Paulino. É o mesmo grito do Apóstolo Paulo, diante das divisões da Comunidade dos Coríntios: “Será que Cristo está dividido?”

“Pai, que todos sejam um, para que o mundo creia”. Hoje é ainda mais evidente a necessidade de uma “unidade visível”, especialmente em situações em que os cristãos são a minoria. O testemunho do Evangelho fica fortemente enfraquecido pelas nossas divisões.

Muitos jovens no mundo de hoje procuram ultrapassar os muros da indiferença, da hostilidade. Pedem que o empenho dos cristãos pela reconciliação do mundo seja confiável. Como ser testemunhas de um Deus de amor e continuar com as nossas divisões?

Tudo o que é verdadeiramente cristão jamais é contrário aos valores da fé, antes, pode sempre fazer que o mistério de Cristo e da Igreja seja vivido mais coerentemente. O ecumenismo não é uma escolha opcional, mas uma “sagrada obrigação” assumida pelo Concílio Vaticano II. João Paulo II afirmava: “A busca ecumênica é um caminho irreversível”. E Bento XVI, desde o primeiro dia do seu Pontificado, assumiu como empenho prioritário trabalhar incansavelmente pela reconstrução da plena visibilidade de “todos” os seguidores de Cristo.

A “Porta Régia” - Faz um ano, Bento XVI acolhendo uma Delegação da Igreja Luterana da Finlândia, em peregrinação a Roma, encorajou os fiéis católicos e os luteranos a perseverarem na partilha humilde e fiel da oração de Jesus: “Que todos sejam Um”. Ela representa a “Porta Régia” do Ecumenismo, reforça os vínculos fraternos e ajuda a “superar com coragem” as lembranças dolorosas, as dificuldades sociais e as fraquezas humanas que têm muito a ver com nossas divisões.

Naquela ocasião, o Papa expressou um parecer positivo a respeito do diálogo católico-luterano na Escandinávia, desejando que “este diálogo permanente edifique a nossa unidade em Cristo e, por conseguinte, sejam reforçadas as relações entre todos os cristãos”.

É claro que a Igreja tem consciência de que este santo propósito de reconciliação em vista da unidade de uma só e única Igreja de Cristo, excede as forças e os talentos humanos. Por isso “depõe toda a sua esperança na oração de Cristo, no amor do Pai por nós, e na potência do Espírito Santo”. (U.R.5)

Isto requer gestos corajosos de reconciliação, sobretudo nas diversas situações de conflito que “pesam” sobre a humanidade. Assim se expressou o Papa ao acolher a proposta da Coreia como tema ecumênico do ano: “Que todos sejam um em Tua Mão” (Ez 37, 15-28).

É uma solicitação para compreender melhor o drama da separação entre cristãos e que faz intuir uma verdade plena de esperança: “A nova unidade... que ela seja sinal e instrumento de reconciliação e de paz para todas as nações”.

Precisamente onde as palavras humanas se tornam impotentes, afirmou Bento XVI, é que “a força profética da Palavra de Deus nos repete com insistência que a paz é possível e que nós devemos ser instrumentos de reconciliação e de paz”.

Os “gestos” da Unidade - No dia 14 de março de 2008 realizou-se contemporaneamente em Roma e em Istambul, uma solene celebração em memória de Clara Lubich, fundadora do “Movimento dos Focolares”, um ano após sua morte.

No mundo todo, do Egito aos Estados Unidos, à África, à Polônia, ao Brasil, encontros de oração, convênios, e momentos de reflexão fizeram eco a esta vida toda dedicada ao ideal ecumênico da fraternidade universal.

Quarenta anos atrás, o Patriarca Ortodoxo Atenágoras confiou a Clara Lubich uma tarefa inédita, muito difícil: “Fazer-se intermediária Oficiosa, por oito vezes, do diálogo ecumênico com Paulo VI. Uma identidade aberta ao Diálogo cria relações construtivas; supera o princípio do conflito entre diferenças aparentemente insuperáveis, antes, aprecia tudo quanto de verdadeiro e de justo constrói a UNIDADE”.

É esta a condição essencial. Não são idéias novas, mas reflexões tomadas diretamente a partir dos textos ecumênicos conciliares. Todavia o caminho é cansativo, talvez ainda longo, mas anima-nos a esperança, sobretudo a certeza de ser guiados pelo Espírito, capaz de surpresas sempre novas. (U.R. 50)

FIO DE ARIADNE

As linguagens da corporeidade – *Maria Rossi*

O corpo humano na sua maravilhosa complexidade, com a harmonia das suas formas e as interferências do espírito que o anima, sempre despertou e continua a despertar fascínio e interesse. Para pesquisar o seu mistério, descobrir o seu funcionamento e também para ajudá-lo a superar as doenças e as dificuldades encontradas na vida, desenvolveram-se muitas ciências. Basta pensar nas numerosas áreas de estudo ligadas à Medicina, à Biologia e à Psicologia. A contribuição destas ciências e o atual progresso tecnológico prolongaram a vida e a melhoraram em qualidade, mas nenhuma delas conseguiu decifrar completamente o seu mistério, que se coloca sempre mais além.

A beleza do corpo humano em sua dupla edição masculino e feminino, a sua harmonia, o seu funcionamento, são objetos de fascínio para todos, mas em particular e com modalidades diferentes das dos cientistas, para os poetas, os artistas, os filósofos. Os artistas, especialmente os escultores e os pintores (Fiadia, Michelangelo, Canova, etc.), deixaram impresso nas suas obras o fruto da contemplação da beleza e da harmonia dos corpos no seu desenvolvimento, na plenitude da vida e também na idade avançada. Nicodemos da Pietà de Michelangelo Bandini, considerado o auto-retrato do artista, deixa transparecer a intensidade e a harmonia de uma beleza que faz entender o viver e o morrer e que, com o Cristo morto e sua Mãe, representa o amor e a dor do mundo.

O corpo humano é belo quando vestido, é belo quando nu. A Bíblia fala de homens belos, mas sobretudo de mulheres, como Ester e Judite, que utilizaram o fascínio de sua beleza para salvar o povo de Israel em situação dramática. Apresenta-nos também Maria, como “uma mulher vestida de sol”. O excesso de beleza humana, como o das belezas naturais abundantes na criação, remete a Ele, à Beleza. Deus não é só a Verdade e o Bem, mas também a Beleza. E ao criar, “à sua imagem os criou, homem e mulher, os criou”. A beleza não existe para fins lucrativos. Vai além. Está na ordem do totalmente gratuito, do desperdício, como o amor. Leva à contemplação, ao reconhecimento, à comunicação. E há de ser a beleza que salvará o mundo, escreveu Dostoievskj.

Linguagens do corpo e cultura atual - O corpo tem uma linguagem ainda pouco conhecida. Faz-se sentir de modo claro quando alguma coisa não funciona e quando adocece. Então, percebe-se que se tem corpo e que ele causa preocupação. Porém, pode também acontecer que uma preocupação obsessiva com o seu funcionamento e com as possíveis doenças o faça adoecer. O corpo fala com a beleza e a harmonia, com o bem-estar e a doença, com as potencialidades e as

limitações, com o todo e as partes e com os ritmos. Sua linguagem pede atenção, respeito, admiração, contemplação, gratidão.

Na cultura atual, o corpo é exaltado mas também é grandemente desrespeitado. Os cultores das ciências médicas e biológicas, da genética e das biotecnologias, são beneméritos por terem prolongado a vida e melhorado sua qualidade. Ultimamente, porém, com a manipulação genética e suas consequências imprevisíveis, alguns deles lisonjeados pelos sucessos obtidos e impulsionados pelo *desejo de onipotência*, alinham-se à exploração e não ao respeito. Em uma recente recomendação, o Papa fala exatamente da necessidade de uma *ecologia humana*.

Também os meios de comunicação, favorecendo o gosto por uma cultura erótica e tendendo a evidenciar as partes do corpo que evocam a sensualidade, não respeitam aquela extraordinária beleza, que é dom, como demonstram as grandes obras da humanidade e o milagre de cada criança que nasce, pela harmonia do todo. Evidenciar de maneira obsessiva algumas partes do corpo (boca, pernas, olhos, seios), além de deturpar a beleza, pode ser sintoma de desequilíbrio e de patologias psíquicas latentes.

A cultura atual, com os modelos que propõe, demonstra não querer escutar a linguagem corpórea. O corpo pede para ser aceito assim como é, com os seus limites e os seus pontos fortes. Constringê-lo à anorexia para responder aos modelos propostos, é rejeitá-lo. Aceitar plenamente a própria corporeidade é dificultoso para todos, sobretudo para as/os adolescentes que, achando-se com um físico não conforme aos critérios da moda, podem responder com formas de rejeição perigosas e patológicas. O recurso, sempre mais freqüente e facilitado, a dietas não assistidas e pouco seguras, a cremes, tintas, operações plásticas, para esconder, alisar, mudar alguns aspectos não conformes à moda, é o avesso de toda aceitação, respeito, admiração.

O recurso a estes expedientes e também o uso excessivo de cosméticos, perfumes e roupas estranhas, é um sintoma da dificuldade para aceitar a própria corporeidade. Um pouco de perfume, um toque colorido, um vestido sob medida ficam bem, mas querer esconder ou mascarar o que não está de acordo com a moda, é falta de respeito, é rejeição da própria corporeidade. Na adolescência e na velhice, é geralmente um distúrbio evolutivo, mas, nos anos da plenitude, poderia ser um distúrbio patológico.

Linguagens do corpo e gestão pessoal - O corpo faz parte da natureza, mas adapta-se a todas as culturas. Se for adequadamente educado, pode chegar a desempenhos inesperados e extraordinários tanto no âmbito esportivo como no espiritual. É flexível, mas também rotineiro. Os hábitos aprendidos em família e cultivados ao longo da vida são relacionados ao que é considerado importante. Quem considera que a higiene do corpo seja um valor pessoal e também social, aprenderá e cultivará hábitos sadios de higiene, do contrário os negligenciará.

Os hábitos sadios respeitam o corpo. Ajudam o corpo a se empenhar sem grandes esforços, como por exemplo, um comportamento decoroso e sóbrio à mesa, a capacidade de enfrentar as intempéries sem ficar doente, a capacidade de sustentar esforços, a possibilidade de estar bem sem precisar dormir demais e sem encher-se de remédios e psicotrópicos. Os hábitos negativos, como o consumo de drogas, levam o corpo à dependência. As crises de abstinência são muito penosas.

Desejar-se-ia um corpo perfeito, ágil, sem exigências e sem limites. Com sua linguagem, ele dá sinais e pede respeito pelos seus limites e ritmos. Não gosta dos exageros. Estes o fazem entrar em crise. Pode-se pedir a ele, em qualquer circunstância, para trabalhar 24 sobre 24 horas, mas não sistematicamente. Não é respeitoso fazê-lo comer muito um dia e no outro fazê-lo jejuar, um dia fazê-lo correr e no outro ficar sentado esperando passar o cansaço. O sono está ligado ao ritmo do dia e da noite. Educar o físico para dormir de 6 a 8 horas por noite, é dar-lhe um hábito que lhe permite acordar e levantar-se sem muita fadiga. E isto sem rigidez, isto é, deixá-lo dormir até 10 horas, às vezes, pode ser mais útil à saúde que o uso de remédios.

Durante o inverno, embora os dias sejam curtos, os meios colocados à disposição pelo progresso, como a luz elétrica e o aquecimento, permitem ou obrigam a ter o mesmo ritmo de trabalho que nas outras estações. Neste período é quase normal ficar com gripe. Segundo a psicossomática a gripe representaria uma exigência do corpo para diminuir as atividades e para seguir o ritmo da estação. Quem escuta a linguagem do corpo fecha momentaneamente a agenda e freia o ritmo. Quem não a escuta e se considera indispensável enche-se de remédios e continua o seu trabalho.

Ultimamente, a possibilidade de um maior conhecimento das diversas culturas como também a resistência à cura de algumas doenças pela medicina oficial, tem dado um pouco mais de espaço e de confiabilidade à medicina alternativa, à psicossomática, originadas a partir de algumas vertentes dos saberes e das práticas de religiões antigas, filosofias e culturas orientais. Elas interpretam as doenças do corpo como um reflexo dos problemas existenciais não superados, não aceitos ou mal resolvidos. Com as doenças do fígado, o corpo expressaria a insuficiente elaboração de raivas devidas à não aceitação do comportamento de pessoas significativas. A raiva reprimida e quase completamente ocultada desencadear-se-ia internamente em alguma forma de hepatite. As doenças das vias respiratórias exprimiriam as dificuldades ligadas ao clima do ambiente vital. A síndrome pré-menstrual indicaria um conflito com a própria feminilidade. A urticária seria sinal da raiva e da libido que afloram na superfície do corpo e assim por diante ¹.

Algumas pessoas acreditam muito nestas teorias e práticas; outras as rejeitam sem uma análise crítica; outras observam e, com prudência, acolhem o que se apresenta útil. Escutar a linguagem simbólica corpórea é muito importante. Para a cura, isto requer reflexão e capacidade de voltar às experiências passadas para entender e elaborar os conflitos não resolvidos. Este trabalho nem sempre é possível sem um guia especializado. Prefere-se, por isso, seguir a medicina oficial, aprofundar o sintoma e administrar ao corpo o remédio adequado. É mais rápido. Pensa-se até que seja mais seguro. Além do mais, quem usa a medicina alternativa, não pode fazê-lo tão abertamente.

O nosso corpo é um grande amigo. Acompanha-nos sempre. Suas fases marcam nossa vida. Sofre com nossos conflitos e ansiedades e se enaltece com nossas alegrias e sucessos. Procura o nosso bem estar, mesmo se nem sempre responde aos nossos desejos, e não tolera os exageros. Se escutamos sua linguagem louvaremos sempre a Deus pela sua beleza, respeitaremos os seus ritmos e limites, não o encheremos de remédios e psicotrópicos, dar-lhe-emos bons hábitos com um rigor saudável. Mas alguma transgressão leve e decorosa, não dá problemas. Poderia ser terapêutica.

¹ Para saber mais, veja na Internet as vozes *Medicina alternativa e Psicossomática* e em revistas especializadas séries.

ENCARTE DMA

Sonhos - Freqüente o quinto ano do Ensino Fundamental. Tenho um sonho: tornar-me bailarina e passar pelos teatros mais famosos do mundo levando a toda parte o sinal da minha leveza e da minha arte aperfeiçoada pelo trabalho e pela preparação... Mas para realizá-lo é preciso empenho, assiduidade, esforço...

Com a dança que você aprende todos os dias, deve reforçar o que já aprendeu porque é fácil esquecer, deve cerrar os dentes e ir em frente, mesmo quando não tiver nenhuma vontade.

O mais importante é não perder-se pelo caminho, não desistir quando o caminho começa a ser uma subida...

Um problema que me toca é a pobreza... Gostaria de colaborar para resolver este grande problema mas não sei o que inventar.

A felicidade é para mim um conjunto de pequenas alegrias, uma vem depois da outra e uma torna a outra mais luminosa, mais alegre. Como um colar. Basta contentar-se.

Martina, 11 anos

Como se fosse um pacotinho - No mundo em que eu gostaria de viver não acontecem coisas feias; é um mundo onde também as crianças como eu, são ouvidas e não são tratadas como malas que viajam de uma casa para outra, de um lugar para o outro. Aconteceu-me ser tratada como se fosse um pacotinho, como aquelas malas que no aeroporto giram, giram sobre a esteira rolante e ninguém as recolhe.

Quando papai decidiu voltar ao seu País e deixou mamãe com quem ele brigava sempre, minha vida tornou-se muito ruim. Mamãe começou a esconder as garrafas debaixo da cama, bebia uma após outra e ficava nervosa. Minha família esvaziou-se como um balãozinho.

As viagens do pacotinho, começaram. Primeiro fui hospedada por uma tia, depois pela minha avó, em seguida, no litoral, por uma outra tia.

Agora minha vida mudou de novo. Depois de algumas internações, mamãe melhorou e eu voltei a viver com ela. Ela procura fazer o possível para preencher o vazio daqueles anos, mas sinto que o vazio ficará para sempre...

Então o meu mundo almejado é aquele em que as famílias possam viver mais unidas e felizes. Nós crianças deveremos ser mais ouvidas e acompanhadas, de uma melhor maneira.

Romina F., 11 anos

Fonte: Pansa Francesca, Um mundo perfeito, Milão, Sperling & Kupfer 2008

Marginalizadas, ainda - A agência da Onu, Unfpa, confirma também neste ano a situação de marginalização em que vivem as mulheres no mundo. Dos dados coletados resulta que uma mulher sobre cinco já sofreu alguma forma de violência. Abusos declinados de muitos modos, que aumentam em caso de conflito armado ou quando para migrar acaba-se na rede do tráfico de seres humanos.

Outros dados indicam que dois terços dos 960 milhões de analfabetos são mulheres, jovens, crianças e que 61 por cento das pessoas atingidas pela Aids na África subsaariana são mulheres; na região do Caribe perfazem 43 por cento e os contágios estão aumentando também na América latina, na Ásia e nos Países do leste europeu.

A expectativa de vida para as mulheres é inferior à dos homens; as taxas de mortalidade materna e de patologias ligadas à maternidade são muito elevadas.

Práticas tradicionais e culturais que incidem sobre a saúde têm em geral um impacto maior sobre as mulheres pobres.

Fonte: Relatório sobre o estado da população 2008.

COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Pequenos recursos para a vida – *Mara Borsi*

Nas diversas partes do mundo como FMA estamos particularmente empenhadas em promover as populações mais necessitadas. O microcrédito é o pequeno recurso que nos permite restituir esperança e futuro. Este artigo apresenta pequenos projetos, pequenas realizações para mostrar que com pouco, pode-se fazer muito.

Oportunidades aos jovens - Mindoro Oriental é a parte oriental da grande ilha Mindoro (*Filipinas*). Limita-se com a ilha Verde ao Norte, com o estreito de Tablas a Leste e com as ilhas Semirara e Panay ao Sul. Uma cadeia de montanhas a separa da província Ocidental Mindoro. O nome da ilha deriva de "Mina de ouro", nome conferido pelos espanhóis que se basearam numa lenda acerca da existência de uma montanha de ouro.

Nesta terra em 2001, as FMA das Filipinas fundaram uma escola de agrotecnologia visando a um futuro melhor para os jovens indígenas da etnia Mangyans, em particular às moças e às mulheres jovens.

Com a migração dos habitantes das outras ilhas, esta pacífica população abandonou suas terras e se retirou para as montanhas. Hoje os Mangyan são cidadãos de segunda classe, explorados, marginalizados, discriminados. São considerados analfabetos e selvagens. Vivem do cultivo das batatas e das frutas, seu único meio de sustento. Por falta de conhecimentos técnicos não podem explorar de forma adequada suas terras e a criação de gado. Diante de tal pobreza, as FMA iniciaram um projeto de desenvolvimento para as/os jovens que por diferentes motivos abandonam a escola, com a finalidade de torná-los responsáveis, produtivos, competentes.

O programa chama-se FAITH (*Food Always in the Home* - alimento seguro para a família), nele os estudantes aprendem a cultivar hortaliças e a criar sistematicamente galinhas e porcos. A criação do gado representa uma boa oportunidade sobretudo durante a estação da chuva – junho-dezembro. Na primeira parte do ano promove-se a gestão e a produção de verduras. O trabalho é delicado, mas constitui uma fonte de renda válida pelo fato da região não ter nenhum outro fornecedor de produtos agrícolas.

Uma vez que as/os estudantes se tornam autônomos, o projeto os estimula a beneficiar outros estudantes pobres e merecedores. O trabalho é intenso também por causa dos numerosos furacões que atingem a ilha, mas a coragem não falta. As moças são as mais entusiasmadas pelo projeto porque percebem nele, com clareza, a oportunidade de combater a pobreza e de realizar uma vida digna.

Microcrédito para a família em Kim Son - Kim Son é um Distrito no centro da Província de Ninh Binh (Vietnã), com uma superfície de 163 Km². A situação econômica é ainda precária, a zona pertence à região subdesenvolvida da Província. A população é de 171.000 habitantes, com 39.000 famílias.

São 2.098 as famílias pobres que obtêm o seu alimento cotidiano e o necessário para viver através do cultivo dos campos. Como as famílias são numerosas, a terra não produz o suficiente para todos. Faz 3 anos que Ir. Maddalena Ngo Thi Minh Chau com outras irmãs de sua comunidade visitam as famílias pobres e as apoiam através das adoções à distância, que permitem às crianças frequentar a escola.

Considerando a situação, as FMA recentemente procuraram e obtiveram o financiamento de € 5.000 para promover a criação de porcos (a carne suína é o alimento básico para o povo vietnamita).

Ir. Maddalena identificou as famílias disponíveis para iniciar a atividade através do microcrédito. Foram organizados diversos grupos, cada um formado por 5 famílias pobres. Cada família preencheu o formulário com o pedido de ajuda e o compromisso de pagar a dívida em 10 meses. Em cada grupo foi eleito um responsável que tem a tarefa de distribuir o dinheiro e de receber a restituição. Tudo controlado pelos recibos.

Foi assim iniciada a atividade e a cada família foram emprestados três milhões de piastras que equivalem a 150 euros, para comprar uma porca. No final do 5º mês prevê-se que ela fornecerá os primeiros porquinhos para serem vendidos. Então cada família restituirá a metade da soma recebida no empréstimo: 1.5000.000 piastras equivalentes a 75 €, a outra metade é usada para continuar a cobrir as despesas da reprodução e as das famílias. Depois de dez meses pensa-se que cada família restituirá todo o dinheiro. Depois de um ano mais ou menos haverá uma outra ninhada de porquinhos que a família poderá vender ficando com todo o lucro.

A crescente tomada de consciência do sofrimento de pessoas e de povos obrigados a viver na miséria, não obstante os grandes progressos da ciência e da técnica, pede-nos para coordenar com transparência o nosso serviço completo e solidário ao desenvolvimento da vida humana.

Com a elaboração do documento *Cooperação ao desenvolvimento. Orientações para o Instituto FMA*, reafirmamos que a educação é a chave do desenvolvimento da pessoa e dos povos, renovamos a dedicação aos mais pobres, o empenho pela justiça e a valorização das culturas.

PASTORAL-MENTE

A morte: um jogo! - Anna Mariani

Os jovens fazem pressão para mudar as regras do mundo: esta força é sempre portadora de ansiedades, mas também de novidades. Qual é a pergunta que está por trás das exigências das novas gerações de romper com algumas regras estabelecidas?

O desejo de extremo - Entre os jovens, é sempre mais forte a tendência a querer superar todo limite, a buscar emoções sensacionais e experiências perigosas. São muitos os jovens que não distinguem mais o real do virtual: nos videogames o objetivo visado é eliminar os inimigos. Por que este desejo de ir ao extremo? O que instiga a buscar o excesso? Quais as raízes de certos estilos perigosos de vida? Dos esportes radicais ao modo de se vestir, aos filmes, à música, aos videogames, aos sites da internet que organizam suicídios coletivos, a atos de violência e de *bulismo* pessoal e grupal... A passagem de uma "sociedade da disciplina", onde se debatia o conflito entre o permitido e o proibido, para a "sociedade da eficiência e da performance audaciosa", onde se debate entre o possível e o impossível, talvez sem nenhuma percepção do conceito de "limite", delinea o cenário de vida dos jovens sempre mais impelidos a responder a algo maior, a arriscar, a saborear a emoção do imprevisto. Não há regras... o que conta é surpreender, conseguir a todo custo, superar todo limite, sair do anonimato...

Fatos inquietantes - Notícias inquietantes protagonizadas pelos jovens, perturbam as nossas consciências; são jovens considerados normais enquanto não cometem ações terríveis ou se esbarram em experiências extremas. Frequentam a escola, têm uma família, saem e se divertem como qualquer outro, não dão sinais precedentes que deixem prever o perigo. Jovens normais porém impulsivos e carregados de agressividade, autores de assédios e de violências geralmente contra os mais fracos.

Há uma escassa consideração do valor e da inviolabilidade da pessoa por detrás deste fenômeno. Galimberti filósofo, psicólogo e notável ensaísta, afirma: «A palavra de ordem é: "tudo pode" em termos de iniciativa, de performance ousada, de eficiência, de sucesso para além de todo limite, antes, com o conceito de limite empurrado ao infinito. Qual é o limite entre um ato exuberante e uma agressão, entre um ato de insubordinação e o menosprezo de toda hierarquia, entre as estratégias de sedução ousadas e o abuso sexual? Uma vez violadas as fronteiras da pessoa e as fronteiras entre as pessoas, estabelece-se um estado de alarme tal que não se sabe mais quem é quem». Jovens nunca suficientemente eles mesmos, nunca suficientemente plenos de identidade, nunca suficientemente ativos a não ser quando vencem-se a si mesmos, sem nunca realmente ser, mas permanecendo apenas uma resposta aos modelos ou às performances dominantes na cultura atual com conseqüente estagnação da vida interior, desertificação da vida emocional, insubordinação às normas sociais.

A emancipação libertou os nossos jovens dos dramas do sentimento de culpa e do espírito de obediência, mas inegavelmente os condenou ao excesso e à ultrapassagem do limite.

Escutar e compreender - Pais, professores e educadores são impotentes diante da indolência destes jovens, dos processos de desmotivação que os isolam em seus quartos ouvindo músicas atordoantes, da escalada da violência. Como afirma o filósofo francês Benasayag, sintomas estes que podem ser inscritos: «No obscurecimento do futuro como promessa e na insinuação de um futuro como ameaça». A falta de um futuro como promessa detém o desejo na absolutização do momento presente. «É melhor ser super-agitados mas ativos do que afundar-se num mar de tristeza meditativa, porque se a vida é apenas uma estúpida brincadeira, devemos ao menos ser capazes de rir durante ela». (sociólogo alemão Falko Brask)

Jovens que deixaram de dizer "nós" refugiados naquele pseudônimo de si mesmos que repete obsessivamente "eu". Somente com os amigos do "bando" têm a impressão de poder dizer "nós", e de confirmá-lo naquelas práticas extremas que caracterizam os seus comportamentos num cenário de violência sobre os mais fracos e na prática da sexualidade precoce exibida nos celulares e na internet.

Meninos que têm medo do limite... preferem ultrapassá-lo em vez de integrá-lo; experimentam a incerteza do futuro e se atrasam numa espécie de adolescência infinita; jovens que parecem gritar "Onde vocês estão?".

Aos pais e aos educadores pedem o empenho de nunca interromper a comunicação com eles, boa ou má que seja, aconteça o que acontecer.

Emergência de educadores que transmitam os valores da ética cotidiana, por mínimos que sejam.

Educadores que façam os jovens experimentar o que significa a gravidade e a responsabilidade moral de uma ação. Intuir, avaliar em tempo as suas ações, é isto que solicitam, não deixar de observá-los, sobretudo no final da adolescência, quando são atraídos por momentos de fraqueza e complacência em face aos amigos mais adultos.

Alguém que os “espie” para ajudá-los a ler dentro da própria vida, alguém que torne a lhes falar do sentido do risco para que saibam posicionar-se diante do perigo e do engano, alguém que os ajude a não desgastar os próprios sentimentos e que lhes restitua a percepção do sagrado. No desejo de ultrapassar o limite... uma grande necessidade do sagrado.

POLIS

Nós e a crise econômica – *Graziella Curti*

O sistema financeiro global desmoronou com grande rapidez. Isso ocorre simultaneamente com as outras crises, a alimentar, a climática e a energética. Não é algo distante das nossas existências pessoais, mas como cristãs e religiosas somos interpeladas a viver solidariamente este tempo difícil da nossa história.

Estamos entrando em um terreno inexplorado com esta conjuntura feita de crises profundas – as consequências da crise financeira serão severas. As pessoas encontram-se mergulhadas numa profunda insegurança; a miséria e as privações aumentarão para muitos dos mais pobres, em qualquer lugar.

Até agora pensava-se que os “paupérrimos” fossem pouco menos de um bilhão. Atualmente o Banco Mundial revê a sua estimativa e calcula em 1,4 bilhões os pobres no mundo.

O custo do alimento fez cair na insegurança alimentar milhões de pessoas e reduziu drasticamente a quantidade e a qualidade à disposição delas.

Guerra ao desperdício - Barak Obama, no discurso de sua posse como Presidente dos USA, apelou para a solidariedade de cada um, dizendo: “Não se deve esperar tudo do Governo. Cada cidadão é responsável até mesmo de um dólar no País”. Todos nós deveremos escutar e pôr em prática este aviso.

De fato, são muitos os consumos exagerados, tais como os telefones celulares, o número de carros por família; os longos telefonemas interurbanos; a absurda despesa com água mineral; a superalimentação com doces e produtos não convenientes a uma alimentação correta; o excessivo consumo de carne... Revendo alguns hábitos poderemos melhorar a qualidade de vida e também do ambiente.

Recordemos que a **água da torneira** é mais ecológica: não precisa de transportes e de garrafas, que se tornam resíduos.

Também em matéria de **alimentação** deveríamos prestar atenção para selecionar melhor as compras usando o critério de comprar produtos que venham das zonas mais próximas. Custam um pouco menos e ao mesmo tempo facilitam a compra de frutas e verduras da estação.

Deveríamos dispor-nos a ligar a máquina de **lavar roupa** somente quando estivesse cheia. Menos água, menos energia, menos poluente detergente. Do mesmo modo, deveríamos poupar um pouco de energia para o aquecimento e para os condicionadores.

Seria uma boa escolha **renunciar a um passeio** por mês para economizar gasolina, uma pequena contribuição para superar a crise. Poder-se-ia ir muito longe sobre este assunto de escolhas mais corretas na vida cotidiana, que são somente pequenas gotas no sistema econômico mundial, mas é exatamente de pequenas gotas que é feito o mar.

A atual crise não diz respeito apenas aos bancos ou às grandes empresas. Toca a todos nós, que sofremos as suas consequências.

A crise como missão? A resposta das FMA - Em novembro último, no site do nosso instituto apareceu um documento muito interessante, que foi colocado como estímulo de um *fórum*, e suscitou reflexões e partilhas entre as FMA. Trata-se da circular escrita por Madre Luisa Vaschetti em **24 de outubro de 1931**, durante a recessão econômica dos anos Trinta. Reportemo-nos ao texto, especialmente pensando naquelas irmãs que não tiveram acesso à Internet.

“A crise financeira e a falta de trabalho nos fazem entrever um futuro cada vez mais sombrio. Agora eu vos digo: até a nossa casa mais pobre, aproveitando as sobras da comida preparada para a comunidade, não poderá dispor diariamente de um prato de sopa para alimentar uma criança do infantil, uma menina pobre da escola ou da oficina? Seria já uma criatura a menos a sofrer... Com uma economia bem entendida nos correios, nos transportes; com a abstenção de um livro de entretenimento mais que de utilidade, com a renúncia a uma pequena viagem... poder-se-ia prover talvez um par de sapatos ou um vestidinho para uma menina?... Coragem, boas irmãs, confiemos no Senhor que será sempre o nosso bom Pai se formos fiéis às nossas promessas. A crise atual seja para nós como uma missão, à custa de vencer o nosso egoísmo”.

É um texto a ser comentado em comunidade levando em consideração sua forte atualidade. Hoje, como então, devemos empenhar-nos para levar uma vida sóbria, menos garantida. Algumas vezes, no interior de nossas comunidades, não percebemos as famílias que têm dificuldade para chegar ao fim do mês, a angústia de quem está desempregado e, em alguns contextos, as pessoas que não têm o que comer. De fato, nós sempre encontramos o almoço pronto; podemos, embora sem maiores dificuldades, ter sempre o necessário para viver e talvez alguma coisa a mais.

A mensagem de Adélia - No Fórum do site do Instituto, em 3 de fevereiro último, apareceu a mensagem de Adélia, uma professora leiga de uma de nossas escolas que, olhando-nos de fora, faz algumas observações sobre o nosso estilo de vida. Observações que foram definidas como “um soco no estômago” e que levaram muitas irmãs a fazerem um exame de consciência sobre como vivemos concretamente a pobreza.

A esta altura, parece-nos útil voltar, em parte, a tal testemunho para que possamos refletir sobre ele.

Eu li a mensagem tão atual de Madre Vaschetti e não consigo calar uma coisa que me tocou muito. Faço parte de uma comunidade educativa FMA e observo a vida das irmãs. Elas fizeram voto de pobreza e são generosamente dedicadas à missão de educar evangelizando. Porém, não poderei dizer que vivam como pobres. Interessam-se pelos pobres, rezam por eles, ajudam com o que sobra nas gavetas, porém sua vida pessoal e comunitária parece-me mais burguesa do que a minha que sou professora leiga. A pobreza me amedronta, ficar sem trabalho seria trágico, porque não tenho a segurança de quem fez voto de pobreza... Amo Dom Bosco, sinto-me parte da Família salesiana, e gostaria de colher mais veracidade neste fato da escolha da pobreza como estilo de vida consagrada.

Uma partilha em comunidade sobre estes textos poderia ajudar-nos a tomar decisões justas para um estilo de vida mais sóbrio em nome da solidariedade com os mais pobres.

DISSERAM...

A crise alimentar não nasce tanto da falta de alimentos quanto dos fenômenos especulativos e da carência de um ajuste de situações políticas e econômicas capazes de fazer frente às necessidades e às emergências. *(Bento XVI)*

A nossa sociedade deve tornar-se uma sociedade que sustente a vida e o Planeta. A Terra deve ser concebida como um “superorganismo vivo”. Há duas visões diferentes do Planeta: a primeira vê a Terra como um baú, e então pode-se explorá-la de modo ilimitado. A segunda visão remonta aos povos indígenas, a terra é como Gaia, um “superorganismo” altamente complexo com um sutil equilíbrio. É respeitado na sua alteridade, defendido na sua vulnerabilidade”. *(Leonardo Boff – um dos pais da Teologia da libertação)*

Esta crise é também uma oportunidade, porque indica um modo de vida insustentável nos termos em que se imaginou há 50 anos. É uma crise séria, importante, de tipo cultural e antropológico, antes de ser apenas financeira ou econômica. Sendo assim Ela pode levar a uma reflexão profunda em vista da transformação. *(L. Bruni – docente de economia financeira)*

JOVENS.COM

De que tribo você é?

Maria Antonia Chinello e Lucy Roces



«Emo», ou melhor Emoções, é uma das novas tendências juvenis, um fenômeno da adolescência surgido nos Estados Unidos e na Inglaterra, mas já espalhado pelo mundo todo. Alguns preferem designá-lo como “nova tribo urbana”. Defini-lo, não é fácil: encontra o seu adesivo num gênero musical e em algumas comunidades na Internet.

Subcultura? Talvez - Na origem «Emo», é um fenômeno musical. Com este termo distingue-se um subgênero da música *hardcore punk*. O termo, na sua interpretação original, foi utilizado para descrever a música de Washington DC da metade dos anos 80 e a banda associada a ela. Nos anos seguintes, foi criado o termo *emocore* (abreviação de “emotional hardcore”), usado para descrever outras cenas musicais influenciadas pelas de Washington. O termo deriva da vontade que a banda tem de “emocionar” o ouvinte durante suas exposições.

Música, portanto. Mas não só, pois o termo exige atitudes, convergências virtuais, trajes. O site *Whatsemo.com* dá uma sucinta definição do termo: «emo» é um «gênero musical que influenciou a moda». Neste sentido, a música determinou o perfil de um estilo, um comportamento social que se reconhece nos *emo-kids* e *emo-girl*.

O modo de se vestir, que evoca a cultura punk, juntamente com os gostos musicais dos garotos «emo» parecem encontrar em *MySpace* o centro virtual, um «emo-mundo» bem configurado, pelas modalidades com que a música é difundida, mas também porque é dada a palavra, a liberdade às emoções, pelo modo como os *emo-kids* se ligam aos outros «emo» espalhados pelo mundo. *Facebook*, *Bebo* e os outros *social network* mobilizam um verdadeiro “busca-encontro” de amigos da mesma tribo.

Os *emo-kids* não se colocam em oposição a quem “está fora do movimento”. Pelo contrário, os membros «emo» tomam parte ativa na construção da «emo-identidade». O modo com que os jovens contribuem para a definição de um “estilo” torna o todo fascinante e facilmente acessível. Trajes escuros, olhos fortemente pintados, cabelos alisados com longas madeixas caindo sobre os rostos... são estes os traços dos *emo-kids*, para sair da massificação e se fazer notar.

Tudo isso para transmitir «emoções» fortes, mas também controvertidas. Se entre muitos jovens, a subcultura «emo» parece ser considerada algo para «corruptos» que têm tudo e que criam do nada problemas enormes para se fazerem de vítimas, «os *emo-boy*» seriam ao invés meninos considerados gentis e fiéis, confiáveis e compreensivos, pelos quais as meninas ficariam loucas, segundo um estudo da Universidade de Michigan. Em suma, meninos capazes de escrever poesias e de enviá-las pelo correio (não via internet) e de antecipar os desejos da própria parceira.

Orgulhosos de ser «emo» - Compreender as razões deste fenômeno cultural que é de interesse dos adolescentes, não é fácil. Sobretudo porque as meninas e os meninos interessados parecem fugir a todo diálogo aberto sobre as coisas mais profundas que carregam dentro de si.

É todavia importante procurar interceptá-los e reconhecê-los, porque se «emo» está para «emoção», no mesmo termo encontra-se a raiz grega da palavra «sangue», mas se são atenciosos e preferem os tons melancólicos, estes adolescentes não parecem autodestrutivos. Contudo, existem alarmes feitos por certas tendências culturais estereotipadas, que os consideram responsáveis por comportamentos anoréxicos e tendentes ao suicídio.

Um artista «emo» afirma: «Por definição «emo» refere-se a alguma coisa de puro e fino na expressão das próprias emoções. O suicídio não é o último recurso como, ao invés, a música o pode ser».

Alguns pesquisadores identificam precisamente na sensibilidade extrema um fator de risco porquanto sujeitos emocionalmente e afetivamente mais frágeis poderiam ser imaginariamente atraídos porque, com mais facilidade são percebidos e compreendidos em sua dificuldade para “se expor”, enfrentar as dificuldades evolutivas e a fadiga da relação com os outros.

Em um grupo de discussão *on-line*, *EmoComer.com*, foi feita a pergunta: «Suicídio, vale a pena?». A resposta geral da comunidade virtual foi: «Não o faça. Procure ajuda».

Nem tudo está perdido - Surpreendentemente, parece que há cristãos entre os «emo». No fórum de *Ultimate-Guitar.com*, uma comunidade musical *on-line*, alguém escreveu: «Quem conhece bons grupos cristãos pop-punk ou emo-bands?». Foram apresentados 48.

O blog *Emo365.com* recentemente fez propaganda da *Relient K. Christian Emo Bands Have Rocked Our Ears*, uma banda que está ficando conhecida através de uma música coral, que se refere aos acontecimentos cotidianos e que «te martela na cabeça o dia inteiro».

As nossas reações à cultura «emo» dependem das nossas pré-compreensões: podemos achá-la distante, incompreensível, ou vislumbrar nela tonalidades e palavras que nos falem exatamente da busca da identidade dos jovens, um sincero pedido ao mundo dos adultos para que se coloque à escuta e não fuja da situação. E, porque não, poderia ser também uma chance para a evangelização.

Um projeto, todos juntos

Joomla! Não é um produto mas sim um projeto. Nascido em 2005 de um grupo de programadores voluntários provenientes de diferentes nações e apoiado por uma farta comunidade mundial Open Source.

Joomla! É um projeto colaborativo CMS (*Content Management System*), que, literalmente, significa “Sistema de gestão dos conteúdos”, é uma categoria de software que serve para organizar e facilitar a criação colaborativa de sites Internet.

Com **Joomla!** é portanto possível realizar sites Internet dinâmicos, é gratuito, não são necessários os conhecimentos de linguagem de programação para utilizá-lo e pode ser usado também com finalidades comerciais.

Para começar a usar **Joomla!** é necessário dispor do ambiente adequado, isto é, um nome de domínio associado a um espaço servidor com as características necessárias para o correto funcionamento de **Joomla!**

O nome **Joomla!** é uma interpretação fonética da palavra swahili que significa “todos juntos” ou “como uma única entidade”. Este termo foi escolhido porque refletia as intenções da equipe de trabalho que ainda preside, junto à comunidade, à realização do projeto.

Joomla! desde 2005 é vencedor de numerosos prêmios internacionais:

- 2005: Best Linux/ Open Source Project
- 2006: Open Source Content Management System Award
- 2006: Best Linux/ Open Source Project
- 2007: Best PHP Open Source Content Management System

Este é o site oficial de **Joomla!** em inglês: <http://www.joomla.org/>

A partir daqui é possível descarregar a última versão em inglês ou em outras 48 línguas e, com a ajuda de um técnico, proceder à instalação e à criação de sites com dois clicks! (com a ressalva de que o desenho nunca pode ser esquecido!).

O software é continuamente atualizado, como também todas as outras aplicações: os *templates* para paginar os conteúdos; os *componentes*, isto é elementos adicionais através dos quais podem-se acrescentar ulteriores recursos para responder a exigências específicas: por exemplo, uma galeria de fotos, um livro de visitas, funções de wiki, newsletter, etc.

ESTANTE SITES

Resenha de sites interessantes - *Anna Mariani*

<http://www.icye.org> - Site em inglês, da organização internacional de intercâmbio para jovens. É uma organização que promove a mobilidade dos jovens, a aprendizagem e o serviço voluntário em nível internacional. Informações sobre os processos de participação e notícias particularizadas a respeito dos países que aderem. O boletim pode ser descarregado em formato PDF.

<http://www.libera.it> - O Site Libera em quatro línguas: italiano, inglês, francês e alemão. **Libera** é uma coordenação de mais de 1500 associações, grupos escolas, realidades de base, territorialmente empenhadas para construir sinergias político-culturais e organizativas capazes de difundir a cultura da legalidade. A lei sobre o uso social dos bens confiscados pelas máfias, a educação à legalidade democrática, o empenho contra a corrupção, os campos de formação antimáfia, os projetos sobre o trabalho e o desenvolvimento, as atividades antiusura, são alguns dos compromissos concretos de Libera.

Troca de conhecimentos e de experiências, solidariedade com as realidades mais vulneráveis e uma maior eficácia na pressão política constituem as finalidades mais fortes de uma rede internacional para a afirmação da legalidade.

<http://www.who.int/home-page/index.en.shtml> - Site internacional do **WHO – World Health Organisation** - É uma organização promovida pelas Nações Unidas que se ocupa em definir as principais linhas de ação em matéria de saúde e de qualidade de vida, ligando-a a estratégias de desenvolvimento sustentável no contexto de Agenda 21. A WHO coordena o Projeto Cidade Sã, que tem o escopo de promover as temáticas da saúde na realidade urbana.

VÍDEO

Pode-se fazer – de Giulio Manfredonia – Itália – 2008

Este filme, 'fora do concurso' no Festival internacional do cinema de Roma em 2008 com Prêmio L.A.R.A. e Menções especiais do júri para o elenco inteiro, foi acolhido com um caloroso aplauso e definido o «vencedor moral» do Festival.

O seu cenógrafo Fabio Bonifacci lera há muitos anos atrás um artigo que relatava a experiência de um sindicalista em uma cooperativa na província de Pordenone. Não era uma fábula, nem uma utopia, mas o testemunho de que, se se quer, «pode-se fazer». As legendas no final do filme, confirmaram isto com clareza, ao explicar a origem da obra: «Este filme é inspirado em muitas histórias verídicas das cooperativas sociais nascidas nos anos 80 para dar emprego às pessoas que haviam recebido alta dos manicômios. Entre estas estava também a cooperativa Noncello de Pordenone, onde se fazia assoalho de taco e os dirigentes diziam aos seus sócios "Pode-se fazer". Hoje na Itália existem mais de 2.500 cooperativas sociais que oferecem emprego a quase 30.000 sócios com habilidades diversas. Este filme é dedicado a todos eles». «Acredita-se, comove-se, diverte-se. É o que de melhor deve "poder fazer" e saber fazer uma bela comédia».

Claro: a lei 180, as dificuldades reais provêm de outros filmes. "Pode-se fazer" relata uma utopia tão inopinadamente otimista a ponto de aproximar-se da fábula. Pode também ser avaliado como redutivo com relação à complexidade, mas o seu diretor Giulio Manfredonia não faz trapaça. Quer o melhor para os seus personagens. Movimenta-se num terreno minado que separa a pieguice do respeito mas leva para casa um resultado pleno. Fotografia, costumes, montagem, música, tudo merece elogio. Sobretudo o 'grupão' de atores não conhecidos que dão ao filme a sua ossatura. Confia-nos a perspectiva de um sonho e de uma esperança baseados em sentimentos e em valores sólidos. Hoje mais que nunca é construtiva. Necessária.

A trama. Milão, 1983 - Nello é um sindicalista incômodo e anti-conformista e, como tal, é enviado para dirigir a «Cooperativa 180». Logo percebe que se trata de uma cooperativa de doentes mentais cujo único dever parece ser o de envelopar e colar selos para terceiros.

O professor Del Vecchio, o psiquiatra que deve gerir também o manicômio, explica: «tudo de acordo com a lei Basaglia: fechar os manicômios e liberar os doentes. Assim, se as famílias os recebem de novo acabam enlouquecendo também elas, se não, de que se ocupam eles? Ninguém sabe. Eu fundei a cooperativa para ocupar alguns, mas não tenho tempo de ficar tomando conta deles; no manicômio tenho outros 150». A Tarefa de Nello portanto consiste em procurar novas empreitadas e organizar o trabalho. Vem a saber que os doentes estão sob sedativos, porque, como afirma o professor: «Infelizmente a loucura não é curada pela lei». Animado pelo espírito sindical e por uma forte carga humana, procura fazer amizade com os «seus novos sócios» doentes, e tenta conhecer/valorizar suas capacidades. Eles põem-se a colocar os tacos e, após algumas dificuldades, as coisas parecem caminhar bem: as ofertas de trabalho aumentam e faz-se necessária uma verdadeira organização empresarial. A partir daí, outros encargos são fixados. Há necessidade de uma telefonista, um presidente representativo, etc. Mas começam também a surgir alguns problemas. Os sócios reclamam porque os sedativos que são obrigados a tomar os limitam, tanto no plano do trabalho como no plano humano. Após uma longa discussão decidem mudar o tratamento: confiam-se ao doutor Furlan que tem idéias muito mais liberais. A redução dos remédios, porém, se de um lado os torna mais vivazes e autônomos, do outro desperta neles desejos e instintos menos controláveis. Acontece o pior: um certo Gigio, enamorado de uma bonita garota não suporta sua humilhação e se suicida.

O belo sonho parece desvanecer e a vida corre o risco de voltar ao que era antes. Nello desmoralizado e com sentimento de culpa por esta derrota, muda de serviço. Despede-se de seus amigos lugubrememente e imerge no mundo da indiferença.

Improvisamente, porém, os «sócios» reagem: pressentem um resgate e o executam. Fazem uma reunião em que decidem reaver o seu verdadeiro amigo e diretor que, a esta altura, não pode rejeitar “tornar a arregaçar as mangas” e completar o trabalho iniciado.

O “final feliz” – epílogo da história – tem sobretudo uma função que universaliza, como adverte a legenda: «Depois de seis meses, chega um grupo de outros sócios de outros manicômios que se unem aos primeiros. São acolhidos pelo «discurso» completamente sem palavras do ‘sócio presidente’. Todos se abraçam e se solidarizam, prontos a arriscar-se em outras empresas e aventuras. A experiência é bem sucedida e a idéia das cooperativas começa a contagiar. Não se trata de um caso isolado e excepcional, mas de um método que funciona e produz frutos.

PARA REFLETIR

SOBRE O FILME – *Os esforços em favor de quem se encontra em uma situação de desconforto, apesar dos problemas, erros e insucessos, antes ou depois, obtêm resultados positivos em termos de recuperação e de autonomia da pessoa humana.*

Uma idéia que emerge através da justaposição da primeira parte do filme à segunda: depois de um sucesso inicial a experiência de Nello parece definitivamente falida, mas exatamente no momento em que tudo parece voltar ao que era antes, os doentes dão uma inesperada demonstração de crescimento e exprimem reconhecimento ao seu dirigente.

“Pode-se fazer” emerge portanto como um filme que intencionalmente relata uma história muito bonita, quase uma fábula. Capaz de um otimismo tão obstinado que parece cego, e todavia tão necessário como o pão, para o desenvolvimento positivo e possível de cada um, nos dias de hoje, particularmente. Um filme que pretende fazer emergir no espectador a impressão de que relata uma história que fala de algo bem mais amplo do que o seu tema explícito: a doença mental e o que lhe está relacionado. Contudo, subscreve, ao invés, plenamente a convicção de que – sempre – a esperança e a confiança se tornam “vencedoras”.

SOBRE O SONHO DO FILME: *que está incluído no título. “Pode-se fazer” alude claramente a algo considerado difícil – ou mesmo impossível – mas que, com o empenho e a paixão, pode realizar-se. Algo de utópico, que não existe, mas que pode tornar-se real se alguém crê.*

Nello nada sabe de psiquiatria, mas deixa-se guiar pelo instinto e por uma simples idéia: «o que é bom para mim será melhor para eles», e com todas as dificuldades transforma doentes psiquiátricos em solitudinários colocadores de taco. É o que nos ensina a nossa pedagogia salesiana. Dom Bosco a condensou na célebre expressão: “Despertar confiança – restituir a confiança em si mesmo – é criar possibilidades”. “*Pode-se fazer*” é a confirmação desta verdade a seu modo e o consegue demonstra. O ‘desastre’ que os protagonistas combinam no primeiro trabalho é transformado em nova abertura: para a originalidade e a criatividade. Encoraja, tornando-se potencialidade e desenvolvimento. E assim, ao longo de todo o filme: ir avante entre quedas, crises, falências, retornos e recuperações. Mas no final o valor do método forma e compensa, dá frutos. Mais ainda, multiplica os seus frutos: torna-se contagioso!

ESTANTE VÍDEOS

A classe – (“Entre os muros”)

Laurent Cantet – França – 2008

Alguém escreveu que o filme “*A classe*” (Palma de ouro em Cannes e candidato ao Oscar pela França), não é sobre a escola mas – como diz o título original “*Entre os muros*” – um filme «dentro» da escola. Leva-nos para dentro da classe por mais de duas horas e pinta um retrato da escola que estudantes e docentes em particular, acharão o mais verdadeiro que o verdadeiro. E isto não é pouco.

«Ensinar cansa e crescer não é fácil» parece insistir Cantet escolhendo um estilo enxuto, severo, emocionante. Felizmente suspenso entre documentário e ficção inspira-se fielmente no homônimo best-seller subscrito por François Begaudeau (Einaudi) sobre sua experiência de professor de francês. Cantet pede a ele para interpretar a si mesmo no papel principal e a co-cenografia do filme.

“*A classe*” ao invés é animada por vinte e cinco alunos verdadeiros. Interpretam o papel – adaptado a cada um pelos dois autores – durante um ano de provas, deixando espaço para a improvisação sobre o conjunto com três máquinas em condições de apreender o momento improvisado, o gesto súbito, a expressão mais imediata. Daí deriva uma incrível sensação de frescor, espontaneidade, quase divertimento, e com tudo isso, a clara consciência de que a verdadeira instrução, ou passa graças àquela relação indizível – às vezes maravilhosa e muitas vezes sofrida – que se instaura entre mestre e aluno, ou não passará.

O enredo? Estamos na IV ginasial de uma periferia multiétnica, em Paris. Árabes, chineses, africanos ou brancos que sejam, seus adolescentes de catorze anos, parecidos na gíria, nos rituais, no modo de se vestir, levam para a escola a voz e a complexidade de uma realidade em contínua transformação. As aulas, os professores, os métodos de ensino, os papéis assumidos ou rejeitados pelas famílias e o conflito permanente ativado pela variedade de etnias, conseguem pouco a pouco transmitir não só as “penas” sofridas pela categoria dos professores (também os melhores como François) mas sobretudo as dúvidas e os dramas dos garotos. São tão vulneráveis, tão frágeis e pequenos apesar da arrogância descarada de querer rivalizar-se com os adultos!

Conclui com uma última surpresa que se abre às mais variadas interpretações e propõe a todos uma reflexão.

Changeling

Clint Eastwood – USA – 2008

«Recomendável» diz com convicção a Comissão de Avaliação Filme (CAF) e prossegue: «Basicamente, uma história verdadeira. Em primeiro plano, um manuscrito que confirma a maravilhosa capacidade de Clint Eastwood de aproximar episódios dolorosos e delicados e de saber relatá-los com grande pudor, lúcida força expressiva, inconfundível poder de denúncia». É um daqueles casos dilacerantes em que uma pessoa sem poder tem que ficar à mercê de instituições

onipotentes. Trata-se de Christine, a inesquecível protagonista. O que poderia ter feito uma mãe depois que seu filho desaparece improvisamente, a polícia encontra um por acaso que se faz passar pelo seu, para fazer calar a opinião pública e, quando ela se rebela diante do absurdo é colocada no manicômio? O que fez a mãe verdadeira, responde o cenógrafo. E lhe restitui magistralmente a extraordinária estatura humana e civil, alcançando o noticiário e o tribunal de justiça de Los Angeles. O seu sofrimento atravessa os 141 minutos do relato, comunicando cada pequena nuance do seu estado de espírito: dor, ansiedade, esperança, decepção, incredulidade, raiva... Um amor-coragem que não se rende, uma vontade de aço que tem um único objetivo: reencontrar o seu filho desejando ardentemente saber a verdade com tudo o que ela implica e supõe.

Sua tocante história de luta contra a arrogância de um policial corrupto e incapaz acrescenta-se como uma nova imagem na longa série de personagens em busca de justiça que o cinema americano tem levado para a tela. Uma obra intensa, nobre, sólida. Uma lição de realização cujo coração é Clint que não cessa de nos lembrar que os direitos individuais 'nunca' devem ser espezinhados. Eastwood, anti-herói solitário comove-se e luta pela justiça. Sem retórica, com compreensão. Nesta ocasião consegue realmente convencer e mobilizar tocando-nos em profundidade.

ESTANTE LIVROS

Julgamento de Jesus - G. Savagnone - L.D.C – 2007

Nunca, talvez, como hoje apesar de um clima cultural tão secularizado, viu-se um tamanho proliferar de obras literárias ou cinematográficas que voltam a propor a figura de Jesus. Algumas são fruto de uma fantasia inescrupulosa que pode considerar-se blasfema, outras pretendem propor-se como cientificamente fundadas e em evidente polêmica com a nossa fé. Quanto às primeiras, basta ter uma informação sumária: não ocorre perder tempo em ler *O Código da Vinci* para orientar os jovens! Quanto às outras, menos provocadoras mas talvez mais perigosas, é indispensável que os educadores, as educadoras sejam capazes de responder com claros e sólidos argumentos às dúvidas e às possíveis objeções juvenis.

Este "Julgamento de Jesus" desde o título põe-se na linha de uma pesquisa aprofundada para verificar os fundamentos racionais da nossa fé em Jesus como o apresentam os Evangelhos canônicos: verdadeiro Deus e verdadeiro Homem. Especialmente quem ensina religião nas classes superiores pode valer-se dele como um útil subsídio, que oferece também, em vista de ulteriores aprofundamentos, uma rica e atualizada bibliografia.

O destino de Israel - André Couraqui – Paulinas 2008

O livro apresenta a correspondência epistolar do autor com algumas eminentes personalidades do século passado, entre as quais Maritain e Chagall, e uma conversa com Paul Claudel.

As relações entre o mundo cristão e o mundo hebraico constituem o tema deste livro. Descobre-se com emoção e surpresa que, vários anos antes do "degelo" da Igreja católica com relação a Israel sobretudo por iniciativa de João XXIII, uma fileira de pessoas particularmente abertas e iluminadas trabalhava para derrubar as barreiras que ainda se interpõem a um conhecimento recíproco entre os "irmãos mais velhos" e os cristãos de cada confissão. "Fazer das nossas divergências a riqueza das nossas trocas em vez de motivo para as nossas guerras" tem sido o princípio inspirador deste hebreu que colocou, pode-se dizer, toda a sua vastíssima atividade de escritor, de profundo conhecedor da Escritura e de homem político ao serviço de uma causa fortemente sentida como obra de paz. É tocante a calorosa amizade que une estes homens de proveniências tão diferentes mas aproximados pelo nobilíssimo ideal que os apaixona: homens de mente brilhante e sobretudo (pode-se perceber em cada página) de grande coração.

Ama a terra – Christoph Baker – Paulinas 2008

“Para restabelecer o equilíbrio ecológico sobre a terra, o homem deverá, custe o que custar, trabalhar menos, ganhar menos (falo de dinheiro, obviamente), deslocar-se menos, consumir menos, agredir menos...”.

O autor do livro é um sonhador, mas não vive nas nuvens. Vê lucidamente que não somos propensos a abandonar costumes consolidados, prisioneiros como somos do conformismo que nos trouxe uma doutrinação enganadora, com seus condicionamentos mentais e psicológicos.

Não será com o excogitar técnico sempre mais sofisticado que se resolverão os problemas ligados a um estilo de vida, a uma busca de bem-estar que, enquanto torna o homem escravo e sempre mais insatisfeito, nos encaminha a passos sempre mais rápidos para uma catástrofe planetária.

É preciso reencontrar o contato perdido com a natureza, abandonando a corrida para o lucro. Reapropriar-nos, de certa forma, dos nossos sentidos, aprendendo de novo a ver, a escutar, a tocar, a experimentar o que é real e vivo.

Christoph Baker não é um homem de fé e é gritante ouvi-lo atribuir a motivos religiosos a obra destrutiva do homem na natureza, com o pretexto de ser ele o dono e o dominador da terra. Parece porém aflorar inconscientemente algo evangélico naquele apelo a viver dia após dia na serenidade e na paz, sem ansiedade e sem cálculos.

Trata-se, obviamente, de um discurso “romântico” (assim o define o autor), um estímulo a pensar, a buscar na contemplação o caminho para encontrar-se a si mesmo, o convite a uma pacífica revolução capaz, somente ela, de inverter um teor de vida já evidentemente insustentável.

O LIVRO - *Adriana Nepi*

O tempo do exílio - Giovanni Kirschner – EMI 2008

O autor é um jovem sacerdote italiano (contrariamente ao que faria pensar o seu sobrenome). Depois da experiência de serviço civil na Caritas e a ordenação recebida em 1993, depois de haver estudado em Milão Teologia Fundamental, atualmente é pároco de dois pequenos centros na província de Treviso e acompanha algumas famílias de *rom* e *sinti* (ciganos) residentes na diocese.

De acordo com as sondagens, um forte percentual de italianos se diz católico. Mas onde estão, na grande massa dos nossos compatriotas, os que são fiéis às próprias raízes cristãs? Poucos ainda vão à Missa aos domingos, mas entre estes, quantos pertencem a uma comunidade fraterna que os empenhe a traduzir na vida cotidiana os valores evangélicos? Em meio a um mundo que constrói a seu modo e à sua medida os próprios códigos de comportamento e um estilo de vida excessivamente subjetivo, os cristãos encontram-se isolados como pessoas fora do tempo e fora da moda, sem o orgulho de serem portadores de uma mensagem de salvação, que eles mesmos, ao menos em parte, não conseguem mais aceitar a não ser com as práticas de uma religiosidade puramente ritual.

Como ler esta realidade já iniludível sem ficar desorientados ou desencorajados?

O autor, alertando para o risco de cair num lamentável e estéril pessimismo, acompanha-nos em uma lúcida leitura de fé que toma como ponto de partida a história de Israel, no tempo da trágica deportação para a Babilônia.

O povo eleito tornou-se uma nação idólatra, e a mão de Deus abate-se sobre ele através das duríssimas experiências da destruição e do exílio. “Agora não temos mais nem sacerdote, nem chefe, nem sacrifício, nem lugar para apresentar-te as primícias e obter misericórdia...” O templo foi destruído, silenciaram-se as canções de louvor, tudo parece perdido, somos estrangeiros em meio a estrangeiros. Mas Deus abate para recriar, fere para curar.

Longos anos de lenta maceração espiritual vão purificar e afinar gradualmente a fé de Israel. Ele aprenderá que a lei de Deus não está fora do homem, mas escrita no seu coração. Haverá uma nova aliança, em que “não deverão mais instruir-se uns aos outros... porque todos me conhecerão, do menor até o maior...”

Não é esta, observa o autor, a nossa história? Hoje cristãos da Itália, da Europa, vivem seu exílio: minoria inofensiva em meio a um mundo que os assedia com as sutis sugestões da cultura dominante correndo o risco de assimilá-las. Nós, porém, muitas vezes cometemos o erro de atribuir a este mundo em transformação a culpa das nossas dificuldades: pensamento fraco, relativismo, fragilidade

das relações, degradação moral conduziram-nos – dizemos – a esta situação de insegurança e de perda.

Se porém abrimos a Bíblia, encontramos que o angustiado lamento de Israel não é dirigido contra o povo opressor, mas contra o seu próprio pecado de infidelidade. Deus, ninguém pode violentá-lo a não ser nós mesmos com o arrefecimento das nossas relações com Ele, até render culto aos ídolos por nós fabricados. Antes de fazer uma análise crítica dos erros do mundo, ocorre perguntar-nos: e nós, onde erramos? Chamados a ser luz e sal do mundo não nos tornamos muitas vezes uma cortina de fumaça que obscurece a beleza e a verdade do Evangelho?

Sem pessimismo mas com franqueza, o leitor nos leva a refletir sobre as comuns responsabilidades, das quais nenhuma categoria social e eclesial pode sentir-se ausente. A força desta reflexão está em ser toda ela conduzida em confronto com a Palavra, a exemplo dos textos bíblicos, sobretudo dos evangelhos.

A Igreja de Cristo é hoje chamada a refazer o mesmo percurso do Senhor: “permanecer na cruz, permanecer no abandono, sem poder apressar o tempo da glória”. É, de certa forma, a noite escura da fé que hoje todos nós devemos atravessar.

A palavra que dirigimos ao homem de hoje poderá chegar-lhe ao coração, mais que através das nossas proclamadas certezas, fazendo-o sentir que estamos próximos aos seus questionamentos, às suas dúvidas, à fadiga da busca e da espera: mais irmãos que mestres. Um só, afinal, é o Mestre, e quis fazer-se nosso amigo.

Ocorre a coragem de permanecer diante do silêncio de Deus sem escapar: “o silêncio de Deus que algumas vezes existe em nosso coração, o silêncio de Deus que frequentemente existe ao nosso redor, nas cidades e nos países em que vivemos... Permanecemos diante deste silêncio não resignados nem irritados. Não angustiados por uma presença que não conseguimos encontrar, mas com a esperança confiante e ardente de que o Senhor virá, tornará a fazer-se próximo, como e quando ele quiser, e será sempre maior e mais surpreendente do que podemos imaginar”.

Hoje o mundo coloca certamente em dificuldade a nossa fé, mas isto não pode ser apenas um perigo a ser combatido, um inimigo do qual defender-se. Com a palavra “mundo” o Evangelho identifica algumas vezes uma mentalidade, um modo de ser e de agir que é a antítese da mensagem de Cristo, mas vislumbra no mundo o objeto de um amor infinito. “Deus amou tanto o mundo que nos enviou o seu Filho unigênito...”

O mundo, o nosso mundo, é a realidade em que vivemos, a história ora alegre ora sofrida da nossa vida, a rede das múltiplas relações que nos ligam às criaturas que amamos, é a grande família humana da qual fazemos parte e cujas inúmeras diferenças só podem enriquecer-nos. “Não tenhais medo. Eu venci o mundo”, disse Jesus. Com a força desarmada do amor: não como se derrota um inimigo, mas como se devolve a vida a um filho.

Livro otimista no sentido mais nobre da palavra e que parece pensado e escrito para infundir coragem e esperança.

PRÓXIMO NÚMERO

PRIMEIRO PLANO:

Dossiê

Cenáculo aberto: acima de tudo, o amor

BUSCA:

Pastoral-mente

A precariedade

COMUNICAÇÃO:

Jovem.com

TED – Technology, Entertainment, Design

Em que tempo estamos?

Tempo de crise. Ouço falar dela em toda parte. À noite encontramos-nos na sala da comunidade para assistir ao telejornal e vemos grandes homens de estado e da economia mundial procurando explicar o que está sucedendo. Enchem-nos de siglas e de percentuais. No final trocamos olhares entre nós e nenhuma tem a coragem de dizer que talvez não tenhamos entendido muito.

Com frequência pela manhã torno a me encontrar com algumas mães ou pais. Quando fico um pouco na portaria enquanto entram os alunos da escola para mim é um momento bonito, em minha idade não posso mais me permitir um apostolado ativo e então permaneço ali e sorrio, algumas vezes os observo admirada porque se vestem de um modo estranho, mas são felizes, respondem-me com o sorriso e alguns procuram explicar-me o significado de suas roupas e, quanto menos compreendo, mais me demonstram afeto, apreciam a minha vontade de escutá-los, não é necessário entender tudo e sempre, importante é querê-los bem. Para dizer a verdade muitas vezes nem mesmo sei repetir as palavras que usam para designar todos os objetos que carregam. No meu tempo tudo era mais simples, os jovens tinham menos necessidades. Por isso, pela manhã, como eu dizia algumas linhas atrás, ponho-me a conversar com alguns pais. Ultimamente as conversas têm alguma coisa em comum: «Não conseguimos mais manter as despesas de antes, perdi o meu emprego e estou procurando outras soluções, meu marido está preocupado porque sua empresa passa por um momento difícil, o pagamento da hipoteca nos dá falta de ar». Então compreendo o que significa a crise. Sem percentuais, sem estatísticas, pode-se ler nos rostos preocupados daqueles pais que devem equilibrar as contas no final do mês.

Percebo que em nossas comunidades não é possível que tudo continue igual. Realmente, mesmo se eu me lamento sempre e resmungo com a melhor das intenções, devo dizer que também em minha comunidade escolhemos fazer pequenas renúncias, procuramos identificar-nos com quem corre o risco de ficar de um momento para o outro sem o trabalho e sem a casa.

É a hora da solidariedade. Mas devemos estar atentas para não ser como aqueles fariseus que colocam na caixa das ofertas um punhado de moedas que fazem muito barulho, mas que são apenas as sobras.

Talvez nos esqueçamos do que fez a velhinha. Deu tudo o que tinha. E seguiu confiante na Providência que não a abandonaria.



**A alegria é o sinal
de um coração
que ama muito o Senhor.
*(M. Mazzarello)***

A CASA

IGREJA

CASA DA PALAVRA:

*"AQUELES
QUE OUVEM
A PALAVRA DE DEUS
E A PÕEM
EM PRÁTICA"*

(Lc 8, 21)

